

FERNANDA AZEVEDO COUTO

**O “FANTÁSTICO” EM GAZA: UMA ANÁLISE DO
TELEJORNALISMO BRASILEIRO EM ÁREA DE
CONFLITO ARMADO INTERNACIONAL.**

Viçosa- MG

Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV

2009

FERNANDA AZEVEDO COUTO

**O “FANTÁSTICO” EM GAZA: UMA ANÁLISE DO
TELEJORNALISMO BRASILEIRO EM ÁREA DE
CONFLITO ARMADO INTERNACIONAL.**

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa , como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Soraya Maria Vieira Ferreira

Viçosa- MG

Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV

2009



Universidade Federal de Viçosa
Departamento de Comunicação Social
Curso de Comunicação Social/Jornalismo

Monografia intitulada O “Fantástico” em Gaza: Uma Análise do Telejornalismo Brasileiro em Área de Conflito Armado Internacional, de autoria da estudante Fernanda Azevedo Couto, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dra. Soraya Maria Vieira Ferreira- Orientadora
Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV

Prof. Ms. Carlos Frederico de Brito D’Andrea
Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV

João Batista Mota – Jornalista
Jornalista da UFV

Viçosa, 2 de dezembro de 2009.

RESUMO

Nessa pesquisa analisamos o uso do personagem em telejornalismo. Seria ele o diferencial numa cobertura de guerra? Para isso, escolhemos como objeto de estudo uma série de três reportagens do Fantástico, da Rede Globo sobre a invasão de Israel à Faixa de Gaza, que foram ao ar de dezembro de 2008 a janeiro de 2009, e duas reportagens do Jornal Nacional, deste mesmo período. Apresentamos a evolução do jornalismo internacional e das coberturas de guerra, destacando as principais coberturas em telejornalismo, que foram a da Guerra do Vietnã (1959-1975) e a da Guerra do Golfo (1990). Apresentamos o surgimento do uso de fontes não oficiais no telejornalismo brasileiro, ou seja, o aparecimento do homem comum nas matérias de TV. Isso foi possível a partir da evolução tecnológica, do aparecimento do produtor, do uso das assessorias de imprensa e da internet na produção das reportagens. Uma das metodologias utilizadas foi a categorização dos personagens definida por Carmem Lúcia Barreto Petit, que aplicamos ao nosso objeto de estudo. A categoria definida encontrada nos personagens de Gaza é a do medo, dentro dela os grupos dos vitimizados e os redentores. Além disso, discutimos como as identidades fragmentárias e múltiplas do mundo globalizado ajudam a trazer uma visão nacional sobre um fato internacional. A partir das múltiplas identidades dos personagens Laila, árabe e brasileira e Fred, judeu e brasileiro, o repórter conseguiu aproximar o conflito palestino-israelense dos telespectadores brasileiros.

PALAVRAS-CHAVE

Comunicação, telejornalismo, jornalismo internacional, cobertura de guerra, personagem.

ABSTRACT

In this research, we have analyzed the use of the personage in television journals. Would it be a differential on war coverage? To this end, it was chosen as an object of study three reports from Fantástico and two from Jornal Nacional, both presented on Rede Globo, about the invasion of Gaza Strip by Israel, which were presented from December 2008 to January 2009. We also have discussed the evolution of international journalism and war coverage, considering the television journalism main coverage, which are the Vietnam War (1959-1975) and the Gulf War (1990). We have analyzed the emergence of non official sources, that means, the common man on the Brazilian TV journalism. That was possible by the technological developments, the emergence of the producer, the use of press offices and the Internet on reports production. One of the methods used was the classification of characters into categories, defined by Carmem Lúcia Barreto Petit, which we applied on our study objectives. The category defined to Gaza personages was the fear

and in this category we have the victimized and the redeemer. In addition, we have discussed identities on a globalized world, once that these fragmented and multiples identities reflect on the identities of the personages, which help to bring a national vision of an international fact, and so, connect the Brazilian viewers to the conflict. From the multiples identities of the personages Laila (Arabian and Brazilian) and Fred (Jewish and Brazilian) the reporter could get together the Palestinian-Israeli conflict to the Brazilian televiewer.

KEY-WORDS

Communication, TV Journalism, International Journalism, War Coverage, Personage.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Laila Farid: retirada do site G1 no dia 10 de novembro de 2009.....	38
Figura 2 – Farid Shain: retirada do site G1 no dia 10 de novembro de 2009.....	39
Figura 3 – Fred Haiat: retirada do site G1 no dia 10 de novembro de 2009.....	39
Figura 4 – Omar Al Jamal: retirada do site G1 no dia 10 de novembro de 2009.....	40
Figura 5 – Bruno Schuster: retirada do site G1 no dia 10 de novembro de 2009.....	40
Figura 6 – Seu Chawkin: retirada do site G1 no dia 10 de novembro de 2009.....	41
Figura 7 – Ahulda Salem: retirada do site G1 no dia 10 de novembro de 2009.....	41
Figura 8 – Mohamed: retirada do site G1 no dia 10 de novembro de 2009.....	42
Figura 9 – Família Abdulhalima: retirada do site G1 no dia 10 de novembro de 2009.....	42
Figura 10 - Ali Abdulhalima: retirada do site G1 no dia 10 de novembro de 2009.....	43

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO 1 – CONTEXTO HISTÓRICO DO CONFLITO PALESTINO-ISRAELENSE.....	11
CAPÍTULO 2 – JORNALISMO INTERNACIONAL, COBERTURA DE GUERRA E A REDE GLOBO.....	19
2.1 – Guerra do Vietnã.....	21
2.2 – Guerra do Golfo.....	22
2.3 – A Rede Globo.....	23
2.4- O Fantástico e o Jornal Nacional.....	25
CAPÍTULO 3 – O PERSONAGEM NO TELEJORNALISMO BRASILEIRO.....	26
3.1- O Avanço Tecnológico.....	26
3.2- O Produtor.....	28
3.3- A Pauta.....	29
3.4- O Uso da Internet e as Assessorias de Imprensa.....	30
3.5- O Uso do Homem Comum nos Telejornais Brasileiros.....	31
3.6- A Importância do Uso dos Personagens.....	32
3.7- Os Excessos no Uso do Personagem.....	34
3.8- Globalização e a Identidade do Personagem Pós-Moderno.....	35
CAPÍTULO 4 – OS PERSONAGENS DE GAZA.....	38
CONCLUSÃO.....	47
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	48
ANEXOS.....	51

INTRODUÇÃO

O início do jornalismo internacional está intimamente relacionado com o processo de globalização e esse com a expansão dos interesses capitalistas. No Brasil o jornalismo internacional passou por várias fases. Primeiro, as notícias do exterior chegavam de navio. Mais tarde os jornais brasileiros passaram a enviar correspondentes para outros países, a fim de obter notícias da Primeira Guerra Mundial.

O período da Ditadura Militar, que começou com o golpe de 1964 foi uma fase de grande crescimento do noticiário internacional brasileiro. Os jornais que não podiam tratar de alguns assuntos censurados no Brasil passaram a investir no jornalismo internacional e nas editorias de esporte.

Foi nessa época que surgiu a Rede Globo, que logo se consolidou como referência no telejornalismo nacional. Antes, fazendo convênios com agências de notícias internacionais para receber imagens de fatos mundiais. Mais tarde com a presença de correspondentes internacionais nos principais centros do mundo.

No jornalismo internacional, destacamos a cobertura de guerras. E em telejornalismo de guerra, duas delas vão ter principal destaque, por mudar completamente a maneira como eram feitas essas coberturas: são elas a Guerra do Vietnã, que começou em 1959 e foi até 1975 e a Guerra do Golfo, em 1990.

Antes, as imagens que chegavam ao telespectador durante as primeiras guerras mundiais eram sempre sobre combatentes de guerra e suas rotinas. Tanto na Guerra do Golfo quanto na do Vietnã, as imagens chocaram o telespectador por mostrar a realidade do combate. Na Guerra do Golfo, a transmissão dos bombardeios ao vivo foi uma inovação que a tecnologia permitiu. Atualmente, não é mais possível imaginar uma cobertura de guerra sem imagens do que acontece nos campos de batalha. Mas segundo Rissoni (2004), mesmo a exibição dessas imagens não foi capaz de sensibilizar a opinião pública mundial em direção a paz. Por isso, é necessário o uso de estratégias para envolver o telespectador dentro do conflito.

A guerra entre palestinos e israelenses já se estende por mais de 60 anos. Durante esse tempo, o principal fato que fez a mídia voltar as atenções para o conflito foi a Primeira Intifada, em 1987. Antes, as notícias sobre a tensão entre israelenses e palestinos já circulavam, mas a partir dessa data houve uma maior mobilização da opinião pública, por se

tratar de uma revolta popular de palestinos, munidos apenas com paus e pedras contra soldados israelenses fortemente armados.

Em dezembro de 2008 começou uma ofensiva israelense contra os palestinos que despertou o interesse da mídia ocidental para a região. A operação chamada “Chumbo Fundido” durou 22 dias (de 27/12/2008 a 18/01/2009).

Durante os dias de conflito, a Rede Globo, emissora brasileira com tradição em coberturas no jornalismo internacional, enviou um repórter especialmente para cobrir esse fato. O correspondente da Globo para o Oriente Médio é, atualmente, Ari Peixoto. Para a cobertura da “Operação Chumbo Fundido” foi enviado o repórter Alberto Gaspar. Os israelenses interditaram a Faixa de Gaza durante os ataques e o repórter só pôde entrar no território de Gaza após o cessar fogo.

Gaspar realizou a cobertura para todos os telejornais da Rede Globo, incluindo o Fantástico, a revista eletrônica semanal da emissora e o Jornal Nacional, que faz parte do jornalismo diário da Globo. São esses os dois objetos de estudo, que serão analisados de forma comparativa a partir de reportagens do período do conflito.

O problema principal que será discutido nesse trabalho é: de que maneira a equipe do Fantástico, da Rede Globo pôde fazer uma cobertura diferenciada da “Operação Chumbo Fundido” na Faixa de Gaza?

Nossa hipótese é a de que o uso de personagens brasileiros por Alberto Gaspar no Fantástico vai aproximar mais o conflito palestino-israelense do telespectador brasileiro, diferentemente do que ocorreu no Jornal Nacional. Este utiliza em suas informações dados mais técnicos e fontes oficiais, o que não desperta o interesse subjetivo do telespectador.

Vamos analisar de que forma uma rede de televisão, com enviado especial pode realizar uma cobertura mais interessante e tornar o fato internacional, sem conexão direta com o país de origem do repórter mais próxima de seu telespectador.

Para isso, vamos discutir a função do personagem no telejornalismo, bem como traçar um histórico sobre como ele surgiu nas reportagens de TV. Petit (2008) afirma que o personagem surgiu a partir do desenvolvimento das cidades e da necessidade do homem comum se ver na televisão. O aumento das demandas no telejornalismo, assim como as mudanças nas rotinas de produção e a evolução tecnológica, fez com que o personagem fosse utilizado como um dos principais elementos da reportagem. Sua função é exemplificar, universalizar e aproximar a notícia do telespectador. Petit (2008) ainda divide os personagens utilizados no telejornalismo brasileiro em três grupos: os personagens do medo (nesse grupo

estão incluídas as categorias de vitimizados, suplicidores e redentores), os personagens do consumo e os personagens da cidadania e da euforia.

No caso do telejornalismo internacional o personagem se torna mais específico. Ele precisa fazer parte da sociedade global e, conseqüentemente, ter múltiplas identidades, o que vai trazer uma visão nacional sobre o global, sobre o fato internacional. Os personagens escolhidos por Alberto Gaspar, brasileiros que vivem na zona de constante tensão entre palestinos e israelenses, podem ser o elo que aproxima o conflito da Faixa de Gaza dos telespectadores brasileiros?

No primeiro capítulo traçamos o contexto histórico do conflito palestino-israelense. No segundo discutimos o jornalismo internacional, as principais coberturas de guerra, a Rede Globo e sua tradição no jornalismo internacional, assim como os programas analisados, o Jornal Nacional, com seu formato de telejornalismo diário e o Fantástico, no formato de revista eletrônica. No terceiro capítulo apresentamos o surgimento do personagem no telejornalismo brasileiro e discutimos a utilização desse recurso ainda pouco citado nos principais manuais de telejornalismo. Ainda nesse capítulo tratamos da identidade do homem pós-moderno, o nosso personagem da sociedade global. No último capítulo classificamos a qual categoria pertencem os personagens em questão, e analisamos se esse tipo de personagem internacional foi capaz de aproximar o conflito palestino-israelense do telespectador brasileiro.

1- CONTEXTO HISTÓRICO DO CONFLITO PALESTINO-ISRAELENSE

No dia 27 de dezembro de 2008 principiou mais um ataque de Israel à Faixa de Gaza. A chamada “Operação Chumbo Fundido” durou 22 dias, tendo fim no dia 18 de fevereiro de 2009. Essa investida seria uma resposta aos mísseis *qassams* disparados por militantes do grupo islâmico Hamas. Nessa ofensiva, Israel atingiu hospitais, escolas, creches, universidades e até mesmo prédios das Nações Unidas. Além disso, eles utilizaram as:

Bombas fósforo, armas proibidas em convenção de guerra disparadas pelos caças israelenses. Pelo número de vítimas e sua curta duração é possível afirmar que se trata da pior ofensiva militar israelense contra populações árabes desde a invasão do Líbano, em 1982. (MAALOUF, 2009, p. 112).

A Faixa de Gaza localiza-se a sudoeste de Israel, na fronteira com o Egito. Essa área deveria fazer parte de um Estado árabe-palestino, de acordo com a partilha da ONU, mas durante os vários anos do conflito, essa área já esteve sob domínio de outras nações como o Egito, a Inglaterra e agora, Israel.

Vários fatores contribuíram para o acirramento dos ânimos no Oriente Médio, mas o principal fator que causou o conflito palestino-israelense foi o Sionismo.

Desde a Primeira Diáspora, que aconteceu em 586 a.C., ou seja, a dispersão dos hebreus do Reino da Judéia pelo Rei Nabucodonosor, os judeus são um povo sem terra. Eles se estabeleceram na Babilônia, que passou por domínio político estrangeiro durante muitos anos. Em 70 d. C. uma revolta contra os romanos, povo que nessa época dominava os territórios que os judeus habitavam, fez com que os últimos rompessem com o modelo de Templo que os reunia em Jerusalém. A partir daí eles se concentravam nas sinagogas. Esse fato foi conhecido como a Segunda Diáspora, o que fez dispersar mais ainda os judeus da região da palestina.

Ao longo da Idade Média o anti-semitismo se espalhou pela Europa, assim como o povo judeu. A Igreja Católica, a instituição religiosa dominante na época contribuiu bastante para o ódio a esse povo. No ano de 415 d. C. o bispo Agostinho de Hipona escreveu que os judeus são culpados eternamente pela morte de Jesus. A culpa pela Peste Negra, doença que assolou a Europa em 1328 também foi atribuída aos judeus. Durante a Inquisição vários deles foram presos e queimados nas fogueiras do Santo Ofício ou foram forçados a se converterem ao cristianismo. Alguns migraram para o Novo Mundo fugindo da perseguição. Em 1431 o

Concílio da Basileia determinou que os judeus deveriam viver longe dos cristãos, surgindo a partir daí os bairros judeus, mais tarde chamados de guetos.

A filosofia anti-semita e a perseguição aos judeus sempre esteve presente na Europa desde a chegada dos primeiros representantes desse povo. Em 1860 um jovem oficial francês judeu foi acusado de alta traição ao governo. Alfred Dreyfus foi condenado injustamente à prisão perpétua. Anos mais tarde ele foi inocentado das acusações. Theodor Herzl, nessa época era correspondente de um jornal húngaro na França para o caso “Dreyfus”. Herzl era judeu não praticante e nunca havia sofrido preconceito por causa da religião. Ao acompanhar a história do jovem oficial francês e perceber as injustiças que foram cometidas contra ele durante o julgamento e contra outros judeus, o jornalista ficou impressionado.

A partir desse caso, Theodor Herzl tomou consciência do anti-semitismo. Para ele a perseguição continuaria, desde que os judeus fossem grupos minoritários espalhados pelo mundo. Em 1896 ele desenvolveu essas idéias no livro chamado “O Estado Judeu”. Quando surgiu a Organização Sionista Mundial em 1897 em seu Primeiro Congresso, na Basileia, Herzl foi nomeado presidente.

De 1897 até 1904, ano de sua morte, Herzl trabalhou diligentemente na idéia da criação de um Estado Judeu. Em 1901, e novamente 1902, tentou persuadir Abdul Hamid, Sultão do Império Otomano, a designar a Palestina como um lar para os judeus. Quando isto fracassou, negociou com a Inglaterra e, depois de uma tentativa infrutífera para obter uma terra deserta no Egito, foi vitorioso assegurando o consentimento britânico para a cessão de um território em Uganda, naquela época um protetorado britânico. No Sexto Congresso da Organização Sionista Mundial, em agosto de 1903, Herzl lutou arduamente para que fosse aceita a proposta de Uganda (DAVIS, 1970, p. 11)

Após a morte de Theodor Herzl, foi rejeitada decididamente a proposta de um Estado Judeu na África, no Sétimo Congresso Sionista de 1906. Nessa mesma época os sionistas declararam a intenção de criar um lar judeu na Palestina. Não houve muita repercussão sobre esse fato.

Ainda segundo Davis (1970), havia cerca de 50.000 judeus na Palestina, que residiam naquela área por motivos religiosos e se concentravam nas quatro principais cidades santas: Jerusalém, Safed, Tibérias e Hebron. Naquela época a maioria mulçumana convivía pacificamente com a minoria judaica e cristã.

Vilela (2007) ressalta que, quando os primeiros judeus começaram a chegar o Império Otomano estava sendo retalhado e várias nações européias imperialistas estavam invadindo e

dominando a região da Península Arábica e do Mediterrâneo Oriental. Como os judeus, que viviam na Europa incorporaram vários hábitos culturais e políticos ocidentais, o Movimento Sionista foi considerado colonialista, e que fazia parte da invasão imperialista européia, e por isso foi rejeitado pelos palestinos.

Durante a Primeira Guerra Mundial, a causa do Movimento Sionista ganhou reconhecimento sob a liderança do Dr. Chaim Weizmann. Ele conseguiu o apoio oficial da Inglaterra em criar um Lar Judeu na Palestina com a chamada “Declaração de Bealfour” . No entanto, ao reconhecer os laços históricos dos judeus com aquele território, a Inglaterra criou um problema, pois havia prometido também reconhecer a Palestina Árabe.

No período entre guerras a região da palestina passou pelo período do Mandato, que é a intervenção oficial da Inglaterra com o propósito de manter a paz na região em nome da Liga das Nações. Isso favoreceu aos sionistas, que nessa época criaram as bases para o Estado Judeu, uma vez que a Inglaterra apoiava essa idéia.

Com a ascensão de Hitler ao poder na Alemanha, a perseguição aos judeus ficou ainda mais intensa, fazendo com que as imigrações aumentassem para a região da Palestina, o que desagradou os árabes imensamente.

Após a Segunda Guerra Mundial, em 1947, o UNSCOP (Comitê Especial das Nações Unidas na Palestina) propõe o fim do Mandato da Inglaterra na Região.

A UNSCOP ainda submeteu a aprovação duas propostas: uma majoritária, pela partilha da Palestina em um Estado Judeu e um Estado Árabe, com união econômica e tutela das Nações Unidas para Jerusalém e os Lugares Santos, e outra minoritária, para um Estado Federal independente. A proposta majoritária presumia que a Inglaterra permaneceria na Palestina por um período transitório de 2 anos.(DAVIS, 1970, p. 46)

E assim a proposta majoritária venceu. Foi decidida a criação dos 2 Estados, um Árabe e outro Israelense, e Jerusalém seria uma cidade internacional. Os árabes se opuseram à partilha, explodindo em várias revoltas. Em uma sessão extraordinária do Conselho de Segurança, os Estados Unidos propôs uma tutela das Nações Unidas até que se estabelecesse a paz no futuro governo da Palestina.

Nessa época o líder do Movimento Sionista, Dr. Weizman buscava apoio entre as principais lideranças mundiais para criação do Estado judaico independente na Palestina. No dia 14 de Maio de 1948, o Dr. Weizman declara a independência do Estado Judeu, que recebe o reconhecimento do presidente Truman, dos EUA, “ O conflito armado na Palestina estourou

tão logo as primeiras notícias sobre a partilha decidida pela Assembléia Geral atingiu o Oriente Médio” (Davis, 1970, p. 50)

E assim se seguiu até que Israel venceu a resistência árabe e foi negociada a trégua do cessar fogo. O 4º Acordo de Armistício permitiu a Israel ter a posse de uma área um terço maior do que a da partilha das Nações Unidas. Esses acordos são realizados antes de um possível acordo de paz, que não foi concluído até hoje.

No ano de 1956, Israel se aliou a França e Inglaterra para agir contra a nacionalização egípcia do Canal de Suez.

Em 29 de outubro Israel, de comum acordo com essas duas nações, invadiu a Península do Sinai, ostensivamente, para desencorajar, senão terminar, com emboscadas e ataques árabes ao longo da fronteira de Gaza. No dia seguinte, a Inglaterra e a França apresentaram ao Egito e a Israel uma severa ordem para que retirassem suas tropas do Canal de Suez, devendo o Egito permitir a ocupação da Zona do Canal por uma força expedicionária. Em 31 de outubro, unidades aéreas francesas e inglesas demoliram objetivos militares estratégicos do Egito, particularmente campos de pouso, havendo reação por parte deste com o afundamento de navios, a fim de bloquear o canal.(...) é necessário ressaltar que a opinião mundial reagiu imediatamente através das Nações Unidas, frustrando o objetivo visado pela França, Inglaterra e Israel, resultando que, em março de 1957, as anteriores linhas de demarcação foram restabelecidas – mas somente depois de terem sido aprovadas, pelas Nações Unidas, uma meia dúzia de resoluções solicitando a retirada das forças. Uma nova medida de repercussão, nesse sentido, foi a criação da Força de Emergência das Nações Unidas (UNEF), destinada a supervisionar a fronteira da Faixa de Gaza e Israel e entre egípcios e israelenses na Península do Sinai, que funcionou com singular sucesso até sua retirada, a pedido da Península Árabe Unida, em maio de 1967. (DAVIS, 1970, p 58)

Depois da Guerra de Suez de 1956 houve uma relativa paz. No entanto, nos anos de 1965 a 1966 a recém criada Organização de Libertação da Palestina (OLP) e sua unidade filiada, o Exército de Libertação da Palestina (PLA), promoveram distúrbios que Israel revidou com bastante violência.

Em maio de 1967 a República Árabe declara estado de emergência e pede as Nações Unidas para removerem os contingentes da UNEF de seu território. A partir daí os acontecimentos convergiram rapidamente para uma guerra de Israel contra países árabes. Esse conflito ficou conhecido como Guerra dos Seis Dias, em que Israel saiu vitorioso, conquistando a margem oeste da área da Jordânia, a Península do Sinai, a Faixa de Gaza e as planícies elevadas de Golan Sírio. Com essas conquistas uma grande população árabe ficou sob o domínio de um Estado Judeu.

Foi para quebrar de uma vez por todas a resistência pacífica dos palestinos nos Territórios Ocupados e expulsá-los para a Jordânia, que o então ministro da defesa, general Ariel Sharon, e o então premier do partido Likud, de extremadireita, Menachem Begin, resolveram, no verão de 1982, invadir o Líbano, com apoio de milícias libanesas, e expulsar a OLP (Organização para a Libertação da Palestina) para a Tunísia, assassinando mais de 20 mil árabes Derrotados no Líbano e duramente reprimidos nos Territórios Ocupados por Israel, os palestinos se sublevaram com paus e pedras contra a opressão israelense, em dezembro de 1987, iniciando a Intifada (levante em árabe) na Faixa de Gaza – o território palestino mais pobre e mais densamente povoado – e logo se alastrou para a Cisjordânia. O então ministro da defesa do governo de coalizão likudista-trabalhista, general Yitzhak Rabin, autorizou o uso de armas de fogo pela polícia e exército na repressão à população palestina, em sua maioria crianças, jovens, mulheres e idosos, situação que gerou comoção internacional. Para quebrar a resistência, os serviços secretos israelenses passaram a instilar a guerra civil intrapalestina, financiando grupos extremistas islâmicos, tradicionais inimigos da ideologia secular da OLP (Organização para a Libertação da Palestina), principal liderança militar e civil do movimento nacional palestino. Dentre as organizações extremistas apoiadas por Israel, destacou-se um braço palestino da Irmandade (ou Fraternidade) Muçulmana egípcia, o Hamas, fundado em 1988, considerado, hoje, inimigo de Israel. (MAALOUF, 2009, p. 115)

Essa revolta conhecida como Primeira Intifada foi deixada de lado pela mídia ocidental a partir da Guerra do Golfo, em 1991, e acabou com os Acordos de Oslo, de 1993. Nesses acordos assinados por Yasser Arafat e Yitzhak Rabin, os palestinos reconheceriam o Estado Judeu e em troca receberiam os territórios ocupados pelos israelenses em 1967, com total soberania.

No entanto, esses territórios que passariam ao controle da Autoridade Nacional Palestina (ANP), liderada pela OLP, na Cisjordânia e na Faixa de Gaza estavam rodeados por colônias israelenses. Essa foi mais uma tentativa de levar adiante um possível Processo de Paz.

Em julho de 2000, Israel se retirava de quase totalidade do sul do Líbano. Essa retirada tinha o objetivo de estimular uma guerra civil na região. O Hamas e o mundo árabe viram a retirada de Israel como uma vitória do grupo de resistência libanês, o Hizbollah, inimigo do Hamas. Nesse mesmo ano Ariel Sharon visitou a esplanada das mesquitas, em Jerusalém, fato que foi considerado um desrespeito aos árabes. O fracasso do Processo de Paz aliado a esses acontecimentos culminaram na Segunda Intifada ou a Intifada de *Al-Aqsa*.

Com a chegada de Ariel Sharon ao poder, ele traça um plano para escapar da “bomba demográfica” palestina. A idéia era construir um muro para incorporar a Israel mais territórios

da Cisjordânia, que possuíam muitas reservas de água e a retirada dos assentamentos da Faixa de Gaza e reassentamentos na margem ocidental do Rio Jordão. O muro diminuiu os atentados contra israelenses, mas também bloqueou as cidades palestinas, visando assim expulsar esse povo daquela região.

Em 2005, Ariel Sharon colocou o Plano de Desengajamento da Faixa de Gaza, que foi a retirada dos colonos israelenses. Em 2006 ocorreram eleições para o Conselho Legislativo da Palestina, vencida pelos ativistas sunitas Hamas. O resultado foi reprovado pelos EUA, União Européia e Israel, alegando que o Hamas não poderia vencer, pois o grupo sunita tinha por objetivo destruir o Estado Judeu. Por isso impuseram um embargo econômico na Faixa de Gaza. Também houve invasões de Israel à Faixa de Gaza, para atacar o Hamas e no Líbano, para combater o Hizbollah.

A invasão de Gaza, em 2006, terminou em impasse e os danos humanitários e materiais foram ainda mais graves. Desde o início de 2006, logo após a vitória eleitoral do Hamas, o governo israelense autorizara a venda de armas à ANP, sob o governo do Fatah, para combater o governo do partido islâmico e tomar o controle da Faixa de Gaza. O Hamas tentou um acordo para compor um governo de unidade nacional, mas em junho do mesmo ano, Mahmoud Abbas dissolveu o gabinete do Hamas e nomeou um tecnocrata do FMI para o cargo de primeiro-ministro, não respeitando os resultados das eleições de 2006, iniciando também os combates contra o Hamas, numa verdadeira guerra civil palestina, que era complementada pelos incessantes ataques israelenses e pelo bloqueio à Faixa de Gaza. O ataque do Fatah, no entanto, fracassou, em junho de 2007, e o Hamas passou a ter um precário controle da região isolada do mundo por Israel e Egito. (MAALOUF, 2009, p. 119)

A culpa pelo conflito na região, segundo o autor, não é somente de Israel, mas também das ditaduras que estão vigentes nos países árabes. Os interesses dos EUA no Oriente Médio também complicaram bastante a situação do conflito. Desde os ataques de 11 de Setembro, a guerra contra o terror, a guerra do Iraque e Afeganistão, enfim, foram inúmeras as intervenções dos EUA no Oriente Médio. As atenções ultimamente estavam voltadas para o Irã com a questão da declaração que o país possui bomba nuclear, que preocupou não apenas os EUA, mas também Israel.

Segundo Maalouf (2009), uma Terceira Guerra Fria eclode no mundo árabe e isso explica também o ataque a Faixa de Gaza, cujo objetivo maior é diminuir a população árabe em territórios israelenses.

Para o autor, a questão da invasão à Faixa de Gaza envolve não apenas interesses israelenses, mas também interesses do “eixo sunita”, que é aliado de Israel, e interesses dos americanos, que precisam de um aliado no Oriente Médio.

A Faixa de Gaza é uma das áreas mais densamente povoadas do mundo. Em 330 Km² de extensão são habitados por 1,5 milhão de palestinos. Esse fato vai contra os principais interesses de Israel, que são diminuir a quantidade de árabes na região e tornar o Estado Judeu etnicamente mais puro, o que explicaria os ataques de dezembro a janeiro de 2009.

A “Operação Chumbo Fundido”, segundo artigo do jornalista israelense Barak Ravid (2009) *apud* Ramez Phillippe Maalouf (2009), foi planejado antes do cessar-fogo com Hamas, em 2008. O feriadão ocidental de Natal e Ano Novo foi uma data em que as lideranças e opinião pública mundiais estariam desmobilizadas e as atividades do Hamas na região serviriam de pretexto para os ataques, que duraram 22 dias e matou 1.337 palestinos, dos quais 400 eram crianças e feriram mais de 5 mil pessoas.

O conflito palestino-israelense já se arrasta por mais de sessenta anos. Quando os sionistas declararam a intenção de criar um Estado Judeu no Oriente Médio não houve muita repercussão na mídia internacional. Aos poucos, com a crescente violência e ameaça de uma guerra em escala global, as atenções da mídia se voltaram para a região, uma vez que dali emergiram interesses de várias potências mundiais. O momento em que os palestinos conseguiram chamar a atenção para a região foi na Primeira Intifada, que foi logo abafada pela Guerra do Golfo.

Numa análise da cobertura de telejornais brasileiros da devolução dos territórios da Faixa de Gaza aos palestinos em 2005, Vilela (2007) identificou um alinhamento dos telejornais brasileiros com os interesses de Israel:

O governo de Israel patrocinou o show de imagens e venceu a batalha da construção de significados: a devolução do território da Faixa de Gaza foi enquadrada pelas redes de TV como a demonstração de que o governo israelense deu um passo para a paz, independentemente do radicalismo de minorias religiosas. Os telejornais não disseram por que Israel devolveu os territórios. Não é interessante analisar que os custos de manutenção de 8.500 colonos em um território onde se espremem 1.400.000 palestinos são elevadíssimos. Que defender esses colonos é difícil. (VILELA, 2007, p. 188)

Como Vilela (2007) concluiu em seu trabalho, falta uma contextualização nos telejornais. “O motivo é singelo: sob o bombardeio de uma propaganda construída por hábeis

estrategistas políticos e trabalhando sob o formato constrangedor do telejornal, os jornalistas têm pouco espaço para analisar e contextualizar os fatos.” (VILELA, 2007, p. 189)

E essa falta de contextualização histórica nos telejornais, até mesmo pelo fator limitador, que é o tempo das reportagens, pode despertar uma apatia do telespectador. Se ele não conhece o contexto anterior das notícias, ou não acompanha os jornais com frequência, pouco se interessará pelas notícias atuais sobre o tema.

Outro fator que pode afastar o telespectador das notícias é a banalização do assunto, uma vez que o conflito se estende por mais de sessenta anos, e é noticiado todos os dias nos telejornais sem uma aparente solução.

O distanciamento geográfico da região também faz com que esse conflito internacional, sem conexão direta com o Brasil, seja pouco interessante para os telespectadores brasileiros. Nesse sentido, o telejornalismo precisa adotar estratégias para tornar esse fato internacional mais próximo de sua audiência.

Antes de discutirmos essas estratégias de aproximação, que é o uso do personagem, vamos fazer um breve histórico sobre jornalismo internacional, cobertura de guerra e correspondentes de guerra e apresentar os programas dos quais fazem parte nosso objeto de estudo.

2 - JORNALISMO INTERNACIONAL, COBERTURA DE GUERRAS E A REDE GLOBO

O início do jornalismo internacional está intimamente relacionado com a ampliação da área geográfica de interesse e cobertura dos periódicos de Londres, no século XIX, mas podemos considerar essa prática ainda mais antiga. Segundo Natali (2004), o banqueiro francês Jacob Függer von der Lilie criou uma *newsletter* para receber informações úteis aos negócios. Elas eram consolidadas e redistribuídas dentro da rede de agentes da casa bancária. “Digamos, para simplificar, que ali estava de forma inequívoca o embrião do jornalismo econômico e político, voltado para assuntos internacionais”. (NATALI, 2004, p. 21).”

As notícias internacionais estiveram ausentes nas primeiras décadas do jornalismo no Brasil. Essa ausência está relacionada com o atraso que as notícias chegavam ao país, uma vez que vinham de navio. Outro motivo de não existir um noticiário brasileiro, voltado para assuntos internacionais, nessa época, foi porque os periódicos nacionais competiam com os importados, já que as oligarquias eram bilíngues e tinham fácil acesso aos noticiários estrangeiros.

O primeiro registro do jornalismo internacional no Brasil é de 1836, no *Gazeta Universal*, de Pernambuco. Como os navios aportavam primeiro em Recife, antes de seguir para Rio de Janeiro e São Paulo, o *Gazeta* publicava em primeira mão as notícias vindas da Europa.

Depois disso, o noticiário internacional no Brasil passou por várias fases. Segundo Kühn (2004), entre o final do século XIX e início do século XX, surgiram no país 17 jornais destinados aos imigrantes. Nessa época os demais jornais brasileiros recebiam artigos eventualmente enviados por diplomatas em missão no exterior

Uma das principais fases apontada por Kühn (2004) foi a Primeira Guerra Mundial. Eram as agências de notícias que enviavam informações aos periódicos nacionais. Além das agências, os jornais instalaram escritórios em cidades como Nova Iorque, Paris, Londres, Buenos Aires e Lisboa. Mas foi a partir da Segunda Guerra Mundial que o Brasil inovou, enviando correspondentes nacionais: eram eles Joel Silveira, dos *Diários Associados*, a pedido de Assis Chateaubriand e Rubem Braga, do *Diário Carioca*.

Outra fase de destaque no jornalismo internacional do Brasil foi a Ditadura Militar. Com a censura, não era possível tratar determinados assuntos do país, por isso, os telejornais,

principalmente o Jornal Nacional, da Rede Globo investiram pesado no noticiário internacional.

Com isso, ganharam força também os correspondentes internacionais. Na década de 70, os grandes jornais brasileiros mantinham no exterior várias equipes de profissionais. Com a crise brasileira da dívida externa, no início dos anos 80, e também com o avanço da tecnologia e a chegada da Internet, o noticiário internacional passou a ser produzido, em grande escala, dentro das próprias redações. Dessa forma, são poucas as empresas brasileiras de comunicação que ainda mantêm profissionais no exterior, sendo ainda mais raras aquelas que enviam um jornalista para a cobertura de uma guerra. (KÜNH. 2004, p. 4)

Os correspondentes ou enviados especiais de guerra são jornalistas com prestígio dentro das empresas de comunicação. São mandados de seu país de origem ao local do conflito. Seu trabalho é relatar os fatos da forma mais objetiva e imparcial possível e garantir a compreensão dos acontecimentos ao leitor, ouvinte ou telespectador. No entanto, no local do conflito existem poderes estatais e militares que, muitas vezes, exercem forte influência no trabalho do jornalista.

Além disso, os correspondentes de guerra e a imprensa têm se tornado alvos militares. Segundo Brasil (2002), nove jornalistas morreram na Guerra do Afeganistão, de 2001, em poucos dias de conflito.

Eram todos profissionais experientes e conscientes dos seus riscos. Sete deles morreram numa única semana. Em todos os anos da Guerra do Vietnã, 45 jornalistas perderam a vida. Num contraste assustador, 37 jornalistas foram mortos em todo o ano de 2001. (BRASIL, 2002 p. 247)

O primeiro correspondente de guerra como conhecemos hoje foi William Howard Russel, repórter do *The Time*. Ele cobriu a Guerra da Criméia (1854), que foi uma coalizão entre Reino Unido, França, Sardenha (Itália) e Império Turco-Otomano lutando contra as pretensões expansionistas da Rússia. O jornalista ficou famoso por suas narrativas sobre o avanço da carga da Brigada Ligeira britânica sobre os russos.

Mas antes de Russel podemos encontrar esse tipo de relato, mesmo que com outras características, na época do comércio de especiarias, no século XIII. Um exemplo dessas histórias é a obra “Viagens de Marco Polo”, que vai contar as aventuras do jovem Marco Polo (1254-1324), de Veneza. Ele teria atravessado a Ásia através da Mongólia, trabalhando para o imperador Kublai-Khan.

Essa prática, desde sua origem, também servia como uma notícia mais aprofundada de um lugar distante e, geralmente, desconhecido para o leitor. Atualmente, esses relatos continuam comuns entre os correspondentes de guerra brasileiros. Ao retornar ao Brasil, muitos jornalistas publicam obras sobre o trabalho no *front*, ao mesmo estilo narrativo de Marco Polo, no século XIII. (KUHN, 2004, p. 2)

As primeiras aparições de imagens relacionadas ao jornalismo internacional foram propiciadas pelo cinema e a fotografia. Elas ajudavam a ampliar a veracidade da cobertura, o que já ocorreu na Primeira Guerra Mundial (1918-1921). Na Segunda Guerra Mundial, os CineJornais brasileiros já exibiam imagens dos heróis nacionais, os soldados da FEB (Força Expedicionária Brasileira). Na televisão como a conhecemos hoje, duas guerras tiveram grande destaque na cobertura desse evento internacional. São elas Guerra do Vietnã e Guerra do Golfo.

2.1- Guerra do Vietnã

A guerra dos EUA contra o Vietnã foi um marco na cobertura telejornalística. A partir das imagens mostradas, a opinião pública mudou, pressionando assim para o fim da guerra. Mas, no início, o esforço era em outro sentido, segundo Wainberg, (1996):

Do campo de batalha os correspondentes das emissoras de TV americana evitavam discutir política. Suas histórias eram sobre americanos em ação. E os soldados, ao intervirem no vídeo, reforçavam o consenso ou a justificativa oficial para a guerra. (WAIBERG, 1996, p. 58)

Durante o combate, esses profissionais estabeleceram um relacionamento fraterno com os militares. As imagens eram sempre mostrando aspectos positivos dos soldados americanos.

Este já tinha sido o caso em 1965 quando Morley Safer, um repórter da CBS, levou ao público norte-americano cenas que se tornaram um marco na cobertura da guerra. Tais cenas mostravam *mariners* queimando o vilarejo de Cam Ne. “Será necessário mais do que promessas presidenciais para convencê-lo (ao campesino) de que estamos do seu lado”, disse Safer na reportagem. Este chocante relato era incomum na década de 60. Mas na década 1970, após a ofensiva Tet, o público acostumou-se com as histórias de vítimas civis causadas por ação americana, corrupção no regime do Vietnã do Sul e, principalmente, a frustração de lutar aquele tipo de guerra de atrito ou de pequenas unidades. (WAINBERG, 1996, p.59)

Nessa época, a televisão ainda estava no início e a censura imposta também. Tanto que, após a Guerra do Vietnã, o exército americano passou a ter mais cautela em relação aos jornalistas.

2.2 - Guerra do Golfo

A ocupação do Kuwait pelo Iraque, de Sadam Hussein e a interferência dos EUA no ano de 1990 resultaram numa guerra que Rissoni (2004) considera como um divisor de águas na cobertura de guerra:

O fato mais marcante da Guerra do Golfo foi a transmissão ao vivo, pelos canais de televisão, do bombardeio sofrido pelos países em guerra. A cena de mísseis cruzando os céus de Bagdá tornou-se um dos espetáculos mais inesquecíveis e chocantes da história da televisão. A narrativa do conflito e a possibilidade de mostrar ao mundo como era uma guerra em tempos de alta tecnologia bélica transformaram a chamada cobertura de guerra. (RISSONI, 2004, p. 68)

O canal de televisão CNN, dos EUA, e seu repórter Peter Arnet tiveram um papel decisivo ao mostrar uma cobertura 24 horas. A transmissão dos bombardeios parecia algo irreal, como um filme ou um videogame para o telespectador.

Esse episódio, com mais de 10 anos, iniciou uma nova fase na cobertura de guerra. Desde então, não é mais possível imaginar um trabalho desse tipo sem imagens. As pessoas querem ver o que acontece nos campos de batalha, pois assim, mesmo a distância, podem medir, avaliar, julgar e... desligar o aparelho, permanecendo seguras em suas casas. (RISSONI, 2004 p. 69)

Para a autora, mesmo a transmissão ao vivo, diante do policiamento de milhões de pessoas, não foi capaz de envolvê-las no conflito, sensibilizá-las. Depois do choque e horror com as primeiras imagens, a guerra deixou de ser um problema real, de todos, para ser um problema virtual, da televisão, distante, que não afeta a vida do telespectador.

Conflitos no Leste Europeu, na Bósnia, entre Paquistão e Índia, Palestina e Israel, e outros foram televisionados para todo o mundo, mas sem gerarem, até hoje, qualquer avanço significativo da opinião pública mundial na direção da paz ou da organização de movimentos humanitários em campos de guerra. No momento em que a sociedade se perguntava de que forma essa cobertura de guerra, ou seja, a representação do conflito como algo virtual, limpo, sem sangue, morte e destruição das nações, poderia contribuir para o contexto

social brasileiro ou de qualquer outro país, ou interagir com ele, o mundo foi surpreendido por um ataque terrorista que se tornaria histórico, sobretudo, por sua transmissão jornalística, ao vivo, pela televisão. (RISSONI 2004, p. 71)

Os atentados de 11 de Setembro às Torres Gêmeas foi outro marco na cobertura de guerra. O diferencial da Guerra do Golfo é o fato de que os telespectadores americanos assistiam ao que acontecia tanto pela TV, quanto pelos próprios olhos. Eles faziam parte da notícia. Esse fato sensibilizou a população para que fosse aprovada a guerra contra o terror e as inúmeras investidas do presidente George W. Bush mais do que os bombardeios assistidos a distância na Guerra do Golfo.

Quando a população se vê dentro dos conflitos, como foi o caso das nações européias durante a Primeira e a Segunda Guerra Mundiais, ela se envolve mais com os acontecimentos, devido à proximidade geográfica. No entanto, envolver o telespectador dentro de um conflito geograficamente distante é uma tarefa mais difícil.

2.3- A Rede Globo

A Rede Globo possui uma tradição em jornalismo internacional. Isto se deve ao fato de que a empresa surgiu na época da censura, em que havia dificuldade em tratar os assuntos nacionais. Por isso, o editor-chefe do Jornal Nacional na época, Armando Nogueira, procurou investir na formação de correspondentes para manter um noticiário internacional que despertasse a atenção do telespectador, o que futuramente passou a ser o diferencial do jornalismo da emissora.

Em 1971, a Rede Globo fez um convênio com o Sistema Ibero-Americano de Notícias (SIN) na busca por imagens do exterior. Como essa agência sofria censura do Salazarismo em Portugal, e do Franquismo, na Espanha, as imagens que dependiam do voto de no mínimo 3 países para serem enviadas por satélite, passavam também por uma censura. Este problema foi resolvido em 1973, com a assinatura de contrato com a agência *United Press International*. Essa enviava diariamente imagens via satélite do mundo todo para a Rede Globo, sem censuras.

O avanço tecnológico teve fundamental importância na mudança da cobertura de guerra e no jornalismo internacional. De fotografias a imagens em preto e branco nos cinejornais, depois imagens coloridas com sons que assustavam, mostrando o horror da Guerra do Vietnã.

A Guerra do Golfo mostrou imagens ao vivo, 24 horas por dia. Atualmente essas transmissões são possíveis até mesmo de dentro de cavernas, como aconteceu na Guerra do Afeganistão.

No caso do objeto de estudo deste trabalho, a evolução tecnológica permitiu às redes de televisão, como a Rede Globo a presença do repórter em áreas de acontecimentos internacionais, podendo ele mesmo transmitir imagens e informações por meio de um kit de jornalismo móvel.

A estrutura do jornalismo da Globo no exterior tem uma mobilidade que se serve do desenvolvimento espetacular da tecnologia de transmissão dos últimos anos. Com equipamentos de dimensões reduzidas, um repórter consegue enviar material diretamente para a Globo, sem a necessidade de reservar um canal de satélite. Ele grava o material com uma câmera comum, transfere o material para um *notebook*, edita a reportagem digitalmente e a transmite, comprimida, num arquivo digital pela internet. É o que chamamos, internamente, de “kit correspondente”. (BONNER, 2009 p. 38)

A tradição da emissora em manter repórteres espalhados por todo mundo torna mais fácil a cobertura desses eventos. A disponibilidade de recursos financeiros torna essas coberturas mais diferenciadas do que nas outras emissoras. Para se ter uma noção, na cobertura da devolução dos territórios de Gaza, por Israel aos palestinos em 2005:

O Jornal Nacional lançou mão de muito mais recursos que os seus congêneres: sua equipe de jornalismo (liderada pelo correspondente Marcos Losekan e pelo enviado Ronaldo de Souza) gerou a maior parte das imagens que foi ao ar; alugou um helicóptero que serviu de base para a filmagem do muro que Israel construiu na Cisjordânia; entrevistou soldados e colonos israelenses. O Jornal da Band serviu-se do convênio com a BBC Brasil (que escalou o correspondente Paulo Cabral para fazer a cobertura para a Rede Bandeirantes). Embora Paulo Cabral tenha produzido muitas imagens, com sua equipe, absteve-se de entrevistar moradores da região. O Jornal da Record fez uma cobertura com poucos recursos técnicos. O enviado especial Paulo Panaiottis apresentou-se diante das câmeras numa única edição (dia 19 de agosto) entrevistando colonos que se mudaram voluntariamente para Nitzan (na Cisjordânia Israelense). A maior parte das imagens utilizadas pelo Jornal da Record foi produzida pelas agências internacionais de notícia (uma vez que também foram vistas nos noticiários da REDE-TV). (VILELA, 2007 p.148)

Portanto, a Globo é atualmente a emissora que está mais bem preparada tanto em relação a correspondentes quanto à tecnologia para cobrir um conflito armado internacional. Por isso também é possível fazer uma cobertura mais diferenciada em relação a outras emissoras.

2.4- O Fantástico e o Jornal Nacional

Existe uma diferença entre o tratamento das notícias dentro dos próprios programas da Rede Globo. Por isso, as notícias do Jornal Nacional, que é o jornalismo diário da emissora serão abordadas de maneira diferente do Fantástico, que tem formato de “revista eletrônica”.

O Fantástico estreou em 5 de Agosto de 1973 com o objetivo de misturar jornalismo e entretenimento em uma revista semanal, sob a direção de Augusto César Vanucci. O conceito de “revista eletrônica” foi denominado pelos próprios produtores do programa. Musicais, notícias internacionais, humor, teleteatro, números de variedade e noticiário diário sempre fizeram parte da receita que prevalece até hoje. Para ser diferente do convencional, a pauta do Fantástico acrescentava, além do entretenimento, um pouco de emoção para mais tarde abarcar mais um conceito, o de “Show da Vida”.

Já o Jornal Nacional é mais objetivo, não permitindo em suas pautas muitas doses de entretenimento. Ele está no ar desde 1969 e surgiu com uma linha editorial fortemente voltada para o esporte e o internacional. Atualmente, o JN possui emissoras afiliadas espelhadas pelo país e correspondentes internacionais em todos os continentes do mundo. No caso do Oriente Médio, o atual correspondente é Ari Peixoto e a cidade-sede é Jerusalém.

A partir das reportagens realizadas pelos telejornais da Rede Globo retiraremos nosso objeto de estudo. São eles duas reportagens do Jornal Nacional, escolhidas em dias de intensificação do conflito palestino-israelense, e uma série de três reportagens do Fantástico sobre a Operação “Chumbo Fundido”. Apresentaremos, no próximo capítulo, o personagem, elemento muito utilizado no telejornalismo, que acreditamos ser o diferencial na cobertura do Fantástico em relação ao telejornalismo diário da emissora.

3- O PERSONAGEM NO TELEJORNALISMO BRASILEIRO

Um dos elementos de construção da narrativa em TV é o personagem. Atualmente ele está presente em quase todas as reportagens de televisão, mas o seu uso não é obrigatório. Esse recurso não está nem mesmo apontado nos principais manuais de telejornalismo, segundo levantamento de Petit (2008)

A única citação explícita ao personagem foi encontrada no livro *Jornalismo de TV*, de Luciana Bistane e Luciane Bacellar. As autoras aconselham a evitar o uso indiscriminado do personagem e alertam que o recurso teria virado fórmula para construção de matérias (PETIT, 2008 p.9)

Não se sabe precisar quando o personagem passou a ser chamado assim nas matérias. Na verdade ele sempre existiu, mas com um outro nome, o de entrevistado. O termo personagem passou a ser adotado e o seu uso consolidado no telejornalismo com o aparecimento da figura do produtor dentro das redações. Os repórteres não saíam para procurar determinada pessoa, a fim de contar uma história, mas saíam em busca de uma maneira de contar a história, da forma como fosse possível. Atualmente, muitas pautas “caem” nas redações por falta de personagem. Tanto em Magalhães, Souza e Vizeu (2008) quanto em Petit (2008), as principais funções desse elemento da narrativa do telejornalismo são basicamente três: aproximar, universalizar e exemplificar. Ele ainda pode contribuir para construção de uma memória eletrônica, garantir o fluxo televisivo e presentificar o real

Para se falar de personagem, é preciso também relacionar o aparecimento do homem comum nos telejornais ao avanço tecnológico, que possibilitou uma maior mobilidade das equipes de reportagem. Outro fator que contribuiu para o uso desse recurso foi a padronização dos roteiros programáveis, que consta com o aparecimento do produtor, as assessorias de imprensa e o uso da internet nas redações. Vamos discutir cada um desses fatores.

3.1- O Avanço Tecnológico

A TV chegou ao Brasil no ano de 1950, mas só se popularizou na década de 60 com o barateamento dos aparelhos e com a invenção do *videoteipe*, que possibilitou a expansão da audiência e permitiu novas formas de produção da notícia. No início, os aparelhos caros eram acessíveis apenas às elites, o que refletia na programação voltada para uma cultura erudita.

Nessa época, a precariedade técnica permitia que os programas, inclusive telejornais, fossem produzidos exclusivamente em estúdios.

No princípio, o reduzido número de matérias ilustradas e a dificuldade de trazer o público para a estrutura do telejornal relegavam ao apresentador o papel de promover a identificação com o público. Os apresentadores eram os grandes personagens da notícia. (PETIT, 2008, p. 51)

A população aparecia poucas vezes no vídeo. As matérias, criadas em estúdios, contavam com a presença de entrevistados (jornalistas, professores, políticos, intelectuais, etc). “A função desses peritos se traduzia pela capacidade de converter a linguagem técnica em fala do homem comum” (CERTAU, 2005 *apud* PETIT 2008, p. 43).

Os programas de auditório foram uma das primeiras oportunidades do homem comum participar da televisão, mesmo assim a participação era indireta, sendo que ele não tinha voz ativa e individual no vídeo. A manifestação era geralmente coletiva.

O aparecimento do VT (*o videoteipe*), nos anos 60 provocou uma revolução na maneira de fazer televisão não apenas pela possibilidade dos cortes e mudanças, mas também na racionalização de produção da televisão. Antes a programação não era regular, os programas não tinham horários fixos e as transmissões se davam ao vivo, dos estúdios. Essa regularização dos horários de programação das emissoras foi fundamental para que os brasileiros adquirissem o hábito de assistir TV.

Mas o *videoteipe* foi utilizado vários anos apenas para dramaturgia e entretenimento

“Ainda não existia o *videoteipe* portátil, o que dificultava o registro do cotidiano das cidades, portanto, a própria representação de seus habitantes como personagens. Pessoas comuns, normalmente eram personagens quando estavam envolvidas em algum caso de repercussão.” (PETIT, 2008, p. 57).

Outro fator de fundamental importância no desenvolvimento tecnológico da televisão foi a substituição de câmeras de cinema por câmeras mais simples. Estes aparelhos, mais leves, permitiram uma maior locomoção das equipes de reportagem.

Em 1965, foi criada a Empresa Brasileira de Telecomunicações (Embratel), pelos militares com o objetivo de garantir a integração nacional. Em 1969, foi inaugurada a rede micro-ondas, que possibilitou a transmissão de sinais rádio em super e ultra- frequências. Com isso foi possível a transmissão de programas ao vivo para várias cidades, ao mesmo tempo. A estréia do Jornal Nacional nesse mesmo ano veio ao encontro dos objetivos de

integração nacional da Ditadura Militar, uma vez que veiculava as principais notícias do país. “O Brasil ao vivo na casa de cada telespectador era a síntese de uma unidade imaginária, todos conectados em rede.” (PETIT, 2008, p. 59)

A possibilidade de edição e transmissão da notícia a partir da fita, que poderia ser transportada de um local para outro por qualquer veículo, vai ser o embrião do jornalismo de rede. O principal representante desse tipo de jornalismo no Brasil é o Jornal Nacional, o primeiro que surgiu nesse formato. Atualmente, o JN possui emissoras afiliadas no país inteiro.

No ano de 1972, estréia oficialmente a TV em cores no Brasil. A Rede Globo foi a emissora mais avançada na implantação dessa nova tecnologia, o que ajudou a consolidar o “padrão globo de qualidade”. Outro avanço tecnológico foi o ENG (*Electronic News Gathering*), que foi lançado pela Sony em 1969, mas que chegou ao Brasil logo após a TV em cores. Este aparelho baseado no sistema *U-Matic* permitia editar os vídeos gravados utilizando fitas cassete profissionais. A tecnologia possibilitou o rompimento de fronteiras geográficas no país. Simultaneamente a esse avanço tecnológico, a cobertura em rede, da Globo, fez com que os telejornais adotassem uma estética unificada na fala, eliminando as barreiras regionais no telejornalismo.

As mudanças técnicas, aliadas a interesses comerciais cada vez mais fortes, permitiam ampliar o público e para garantir a audiência era preciso trazer o espectador para dentro da esfera televisiva. O repórter passou a ser o interlocutor do público e também o filtro que constrói as representações desses personagens. (PETIT, 2008, p. 58)

3.2- O Produtor

Nos anos 80 a demanda no telejornalismo aumentou, devido ao aumento da população das cidades. Com isso, o trabalho nas redações exigia maior planejamento.

Do ponto de vista operacional, o produtor foi a figura que começou a ter papel determinante, ficando responsável por viabilizar as matérias – com marcação de entrevistas, pedidos de autorização de imagens, pré-apuração e criação diária de um banco de pautas capaz de garantir a montagem de um telejornal mesmo quando os factuais não rendem o desejado. Ou seja, além de sugerir, organizar e viabilizar as pautas seguindo as orientações do editor-chefe e do chefe de reportagem, a produção prevê matérias *stand by* para cobrir possíveis imprevistos. (PETIT, 2008, p. 104)

Antes, as funções executadas pelo produtor eram atribuídas ao pauteiro. Segundo levantamento de Petit (2008), em um dos primeiros livros sobre produção e técnica em jornalismo de Sebastião Squirra (1990), *Aprender Telejornalismo*, não existe o conceito de produtor, mas sim o de produção.

Antes disso, Vera Iris Paternostro (1987), cuja formação profissional para televisão ocorreu na TV Globo, já citara o produtor no seu Manual de Telejornalismo: ele é o profissional “responsável pelas tarefas de produção” – organiza e coordena o trabalho prévio para a reportagem (pesquisa, imagens de arquivo, horários marcados, levantamento de material). (PETIT, 2008, p.105)

Além das funções citadas acima, outra função atribuída ao produtor é a de realizar reportagens que necessitem do anonimato, como no caso de câmeras escondidas.

Já a função de pauteiro foi citada tanto em Squirra (1990) quanto em Paternostro (1987). O pauteiro é aquele jornalista responsável por selecionar os assuntos que seriam produzidos pela equipe de reportagem. Com o tempo a figura do pauteiro foi sendo substituída pela do produtor, devido à necessidade de uma apuração inicial para otimizar o trabalho dos repórteres.

A TV Globo foi a primeira emissora brasileira a introduzir a figura do produtor no telejornalismo como forma de otimizar o trabalho dentro das redações e atender às novas demandas do jornalismo. A industrialização do produto jornalístico imprimiu novo ritmo ao processo, reduzindo o tempo de produção e a possibilidade de erros e imprevistos. Aos poucos, as mudanças na rotina se estenderam para outras emissoras e foram adotadas, inclusive por canais educativos, cuja filosofia não é a do lucro empresarial nem da briga pela audiência. (PETIT, 2008, p. 105)

O produtor é o jornalista que entra em contato primeiro com o personagem, orientando-o. A partir dessa conversa, o personagem já sabe o que é esperado dele.

3.3- A Pauta

A pauta obedece a um roteiro prévio, de demarcação de assuntos, local, entrevistados e personagens, um breve histórico e sugestão de texto e imagens. Munido da pauta, o repórter sai com sua equipe da redação: câmera, motorista e um assistente, que é geralmente o iluminador. O tempo para captação de imagens e sonoras e produção do texto é curto. O *deadline* está correndo. Sem a apuração prévia do produtor a reportagem demoraria mais tempo para ser realizada. Por isso, uma pauta completa e objetiva é fundamental para que se obtenha um bom resultado na reportagem.

A nova perspectiva das pautas programadas, os entrevistados deixam de ser apenas agentes provocadores de situações para ocupar o posto de representantes delas, ou seja, repórter e cinegrafista não vão para a rua, necessariamente, à cata de situações que possam render matérias porque elas foram pré-definidas na redação. É claro que nem sempre as equipes recebem pautas tão detalhadas, sobretudo no caso de matérias factuais. (PETIT, 2008, p.108)

O repórter não precisa ficar necessariamente preso à pauta. Ele pode extrapolar uma pauta, indo além do que foi pedido ou pode simplesmente fazê-la “cair”, alegando insuficiência de fontes, imagens ou pelo assunto não ser factual e surgir outras prioridades de assuntos ao longo do dia.

3.4- O Uso da Internet e as Assessorias de Imprensa.

Com o surgimento das Assessorias de Imprensa a partir dos anos 90 e a utilização da internet como ferramenta de trabalho nas redações de jornalismo a partir dos anos 90, a busca pelo personagem se tornou mais profissional. As assessorias de imprensa são “organismos responsáveis por fazer a ponte entre empresas, profissionais liberais, poder público e as empresas de comunicação mais numerosas e variadas.” (PETIT, 2008, p. 122). Dessa forma, por meio de releases para divulgação de assessorados, muitos jornalistas já fazem essa ponte entre o entrevistado e o repórter, oferecendo material para contar uma história.

Os sites de relacionamento como o Orkut e o Youtube também são uma boa fonte de personagens. Existem sites especializados para essa busca, como o site Comunique-se e Repórter S/A. No caso do primeiro site existe a opção “pautas”, em que várias delas ficam disponíveis para qualquer pessoa, em forma de release. No blog Repórter S/A existe a opção

“personagem”, em que os telejornais anunciam a procura por determinados tipos para suas reportagens. Para isso existe um espaço destinado à descrição dos tipos procurados e telefones para entrar em contato com a produção.

Existem outras formas dos produtores encontrarem seus personagens, seja por uma rede social ampla ou por indicação de alguma outra pessoa, mas a procura por personagens via releases e internet tem sido cada vez maior.

Duas críticas são feitas a essa prática das produções se pautarem por releases. A primeira é a de que os jornalistas não teriam apurado a notícia e que estariam apenas apresentando um assunto com o qual eles não se envolveram anteriormente. A segunda crítica é a de que:

Diz respeito à natureza do trabalho do assessor de imprensa, exercido por um jornalista, mas, muitas vezes, encarado com reserva pelos próprios colegas, justamente porque o produto de seu trabalho não obedece a uma regra básica do jornalismo, vista como meta apesar de sua impossibilidade, a isenção. (PETIT, 2008, p. 111)

Apesar dessas críticas, a prática do uso de releases, da ajuda da assessoria de imprensa e da internet tem sido cada vez mais comum nas redações, uma vez que diminui o tempo da procura de personagens e assuntos pela produção.

3.5- O Uso do Homem Comum nos Telejornais Brasileiros

Em sua pesquisa, Petit (2008) criou grupos que qualificam os tipos presentes nos telejornais brasileiros. No primeiro grupo de categoria estariam os personagens vitimizados, os suplicadores e os redentores.

As vítimas podem ser qualificadas como aquelas que sofrem o dano, pessoas inocentes a quem é infligida determinada ação negativa; o suplicador caracteriza-se pela marginalidade ou pela dominação; e o redentor tem um caráter heróico, é aquele que liberta a vítima de seu suplicador. (PETIT, 2008, p. 86)

Como exemplo, a autora cita nos vitimizados a dona de casa que sofre com o aumento de determinado alimento, o morador que sofre com a violência e o motorista que sofre com o medo de assalto. Para exemplificar personagens suplicadores são citados os traficantes, homicidas, polícia e poder público corrupto.

No segundo grupo estariam os personagens de cidadania e euforia.

Na cidadania, a ação de um personagem assinala uma interferência provocadora de uma conquista; na euforia, estar presente num lugar ou participar de um fato geram bem-estar e alegria intensa. Compõem esta categoria os tipos: folião, torcedor e o carioca. (PETIT, 2008, p. 86)

No caso do carioca, a autora define um estereótipo do cidadão comum do Rio de Janeiro, cidade à qual pertencem os telejornais que ela analisou. De uma maneira mais geral, podemos considerar o tipo “carioca” com o tipo “mineiro”, “paulista” ou até mesmo “brasileiro”.

Uma terceira categoria de representação do homem comum no telejornal é a do consumo. Nela:

são exaltadas as qualidades de um bom comprador. Nela, há a valorização de datas essenciais ao comércio (Dia das Mães, Dia dos Pais, Dia dos Namorados, Dias das Crianças, Natal) e o discurso preocupa-se em dar dicas para o telespectador ser um consumidor consciente de seus direitos. São figuras em busca do melhor preço, que aproveitam as liquidações, estão de olho em opções de pagamento, ficam em dúvida sobre a melhor aquisição e reclamam quando são enganados. Frequentemente, a figura do consumidor é associada à do cidadão como se o simples fato de estar plenamente inserido na lógica capitalista fosse sinônimo de exercer direitos civis e políticos livremente. (PETIT, 2008, p. 88)

3.6- A Importância do Uso do Personagem

A forma mais usual de conferir interesse a acontecimentos considerados relevantes é associá-los a personagens. Trata-se da chamada personificação da notícia, na qual o foco narrativo é dirigido para testemunhas e situações exemplares, capazes de oferecer maior peso dramático à realidade apresentada ao público. Assim a abordagem sobre tema mais amplo e mais complexo tende a realçar casos específicos e bastante concretos, num esforço de envolver o telespectador, aproximando-o de assuntos que de outra forma podem parecer distantes ou abstratos.

Segundo Magalhães, Souza e Vizeu (2008), a busca pelo personagem no jornalismo surgiu a partir do Novo Jornalismo, na década de 60. Nele, os jornalistas procuravam conviver com os seus entrevistados para captar, além de uma descrição objetiva, elementos subjetivos da narrativa literária.

Os recursos da narrativa utilizados no telejornalismo, segundo esses autores são, além do personagem, as simulações ou reconstituições do fato e a narração/atuação na passagem. No telejornalismo brasileiro, especificamente, o aparecimento do uso dos personagens dependeu

do avanço tecnológico, do aparecimento da figura do produtor e o uso da internet e assessorias de imprensa nas produções.

Uma das primeiras experiências que trouxe o homem comum para dentro das reportagens foi o chamado jornalismo de serviço, que é aquele em que os telespectadores são incentivados a participarem dos jornais a partir de reclamações, opiniões ou fazendo perguntas.

A estratégia de personificação da notícia cria uma espécie de ambiente afetivo, já que a maioria das circunstâncias individuais, tomadas como modelos, reproduz e acentua o sentimento humano em algum sentido. “A dramatização aplicada à informação telejornalística serve como documentação visual capaz de enriquecer a palavra oral e ampliar o grau de interesse por aquilo que é noticiado” (NEVES 2005, p. 9)

São produzidos universos sociais de referência, com base no que se atinge o efeito de reconhecimento. Ao identificar-se com o que lhe é apresentado no noticiário, o receptor da mensagem tende a projetar-se na situação mostrada, experimentando, afinal, o que Neves (2005) chamaria de “alívio catártico”.

Outra função importante do personagem é a função didática, o que ajuda na compreensão das informações extremamente abstratas, como é o caso de matérias de economia. A partir do personagem, o aumento do preço do trigo, por exemplo, pode explicar como esse fato vai interferir na vida do consumidor comum, através do aumento do preço do pão francês.

Além disso, a população brasileira a partir da década de 70 deixou de ser apenas telespectador para virar audiência. E como audiência ela queria se ver na televisão, uma vez que:

O ser humano somente se interessa por ele mesmo. Talvez isso explique porque as histórias contadas pelo homem, de alguma forma, trazem a sua imagem e semelhança ou um desejo de humanidade (...) Esse movimento de voltar-se para si mesmo, de buscar os próprios reflexos, permite recordar o mito de Narciso – o jovem que se encanta pela própria imagem refletida na lagoa –, cuja história mostra a necessidade humana de produzir reflexos e de se ver refletida. O reflexo das imagens sempre encantou o ser humano e a reprodução dele exerce ainda um grande fascínio. A proximidade do reflexo produz identificação, um sentimento de comunhão e de pertencimento porque nos espelha de alguma maneira, define nossos limites e contornos. (PETIT, 2008, p. 73)

Nesse sentido, o uso do personagem como um dos elementos principais da reportagem no telejornalismo vem ao encontro do interesse de abarcar cada vez mais audiência para as emissoras de televisão. Como no Brasil a TV aberta abrange uma audiência muito grande e heterogênea, a homogeneização dos tipos de reportagens se faz necessária para abranger uma identificação com parcela grande de audiência. Esse é um dos riscos na utilização do personagem. Estão entre eles a caricaturização, a padronização dos roteiros programáveis e a falta de ética na exploração dos dramas pessoais dos personagens.

3.7- Os Excessos no Uso do Personagem

Um excesso no uso do personagem é a exploração de dramas pessoais. Os telejornais se debruçam sobre um fato de relevância nacional até esgotar o assunto, expondo muitas vezes os personagens envolvidos no fato, que sentem suas vidas comuns invadidas pela mídia. Nesse caso, é preciso que a ética no jornalismo respeite o sofrimento dos personagens e familiares. Nem sempre tem que ser feito de tudo para contar uma boa história.

Outro excesso já é apontado no livro *Jornalismo de TV* de Luciana Bistane e Luciane Bacellar, que aconselham a evitar o uso indiscriminado do personagem e alertam que o recurso teria virado fórmula para construção de matérias, como já foi dito anteriormente. Muitas vezes a produção fica presa ao uso de personagens, o que não pode acontecer, pois como aponta Magalhães, Souza e Vizeu:

A matéria não precisa ficar presa à personagem, se não tiver. Deve-se avaliar a sua importância para o público. O que não pode acontecer é deixar de dar a informação, que muitas vezes é relevante, por falta de personagens. Mas, o que não se pode questionar é que, quando se usam personagens, as matérias ganham outro peso, emocionam e fazem com que as pessoas se identifiquem. (MAGALHÃES, SOUZA E VIZEU, 2008, p. 6)

A padronização das rotinas produtivas ajudou a otimizar o tempo nas redações. O próprio aparecimento do homem comum na televisão é considerado positivo, pois isso deu voz à população. No entanto, com a padronização das pautas “o resultado são enunciados e enunciações repetitivos que acabam se tornando desimportantes diante do excesso.” (PETIT, 2008, p. 111)

Acontece então uma homogeneização exagerada e um reducionismo da subjetividade do personagem, gerando assim apenas caricaturas e não atendendo a um dos propósitos do personagem no jornalismo, que é a humanização da matéria.

Um fator fundamental que explica a homogeneização é a grande diversidade da audiência brasileira. Para abarcar um público cada vez maior, como no caso do Jornal Nacional, por exemplo, que abrange o país todo, por isso ele precisa causar identificação com diversos tipos de público.

Em contraponto a isso, na internet com os blogs, o Youtube, Orkut e outros sites de relacionamento e jornalismo participativo, o personagem tem autonomia para fazer suas próprias narrativas, em primeira pessoa. Isso colocou em discussão os critérios de noticiabilidade, uma vez que o homem comum tem agora a possibilidade de fazer ele mesmo o chamado jornalismo cidadão, enquanto que na TV é um lugar ainda em que “o personagem-telespectador não tem autonomia, onde sua fala é extremamente controlada pelo produtor, pelo repórter, pelo editor e pelo tempo.” (PETIT, 2008, p. 123).

O que se torna necessário nos dias atuais, quando ocorre a convergência de mídias, a disputa pela audiência entre os diferentes meios e a ameaça do telejornalismo perder espaço para internet é justamente a necessidade de trabalhar melhor os recursos nas reportagens de televisão, aproveitando as histórias de diferentes personagens de forma criativa e menos padronizada. É o que sugerimos que acontece no Fantástico, da Rede Globo. A revista eletrônica explora uma nova possibilidade do uso do personagem: as identidades na pós-modernidade.

3.8- Globalização e a Identidade do Personagem Pós-Moderno

A globalização é um complexo processo de forças e mudanças que tem deslocado as identidades culturais nacionais, principalmente a partir do final do século XX. Segundo Giddens, apud Hall, esse processo acontece em escala mundial e atravessa fronteiras nacionais “integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo, em realidade e em experiência, mais interconectado.” (GIDDENS 1990, p. 64 *apud* HALL, 2003 p. 68).

De acordo com Hall (2003), a globalização não é um processo recente. Ela está intimamente ligada ao início do capitalismo, com o mercantilismo e as grandes navegações do

século XV, que possibilitaram um maior intercâmbio de produtos e culturas entre as sociedades. Mas foi a partir dos anos 70 que esse processo se intensificou.

Nesse ano MacLuhan (1970), já aponta para o conceito de “Aldeia Global”, e enfatiza o poder da televisão como meio de comunicação de massa internacional. Mais tarde Ianni (2002), vai utilizar o conceito de Sociedade Global, considerado mais adequado do que aldeia, por se tratar de uma rede mais complexa, interligada pela internet.

As sociedades contemporâneas, a despeito de suas diversidades e tensões internas e externas, estão articuladas numa sociedade global. Uma sociedade global no sentido de que compreende relações, processos e estruturas sociais, econômicas, políticas e culturais, ainda que operando de modo desigual e contraditório. Neste contexto, as formas regionais e nacionais evidentemente continuam a subsistir e atuar. Os nacionalismos e regionalismos sociais, econômicos, políticos, culturais, étnicos, lingüísticos, religiosos e outros podem até ressurgir, recrudescer. Mas o que começa a predominar, a apresentar-se como uma determinação básica, constitutiva, é a sociedade global, a totalidade na qual pouco a pouco tudo o mais começa a parecer parte, segmento, elo, momento. São singularidades ou particularidades cuja fisionomia possui ao menos um traço fundamental conferido pelo todo, pelos movimentos da sociedade civil global. (IANNI, 2002 p. 39).

Com essa intensa globalização e intercâmbio de culturas, as identidades ficaram cada vez mais fragmentadas. Com o enfraquecimento dos estados nacionais aconteceu um desenraizamento do indivíduo.

Assim se desenvolve o novo e surpreendente processo de *desterritorialização*, uma característica da sociedade global em formação. Formam estruturas de poder econômico, político, social e cultural internacionais, mundiais, globais descentradas, sem qualquer localização nítida neste ou naquele lugar, região, ou nação. Estão presentes em muitos lugares, nações, continentes, parecendo flutuar sobre Estados e fronteiras, moedas e línguas, grupos e classes, movimentos sociais e partidos políticos” (IANNI, 2002, p. 95)

Hall (2003), propõe que as identidades nacionais estão sofrendo um deslocamento. A identidade do homem no Iluminismo era fixa; agora, a identidade tem se tornado cada vez mais fragmentária. Essa é uma consequência da globalização, uma possível crise da identidade, em que o ser humano não tem apenas um ponto de referência como era antes nos estados nacionais. Ele pode assumir várias identidades nesse “supermercado cultural” que se tornou o mundo global.

A mídia ajuda a construir essa sociedade global, uma vez que ela contribui para criar o universo simbólico de uma cultura global: “os fios da teia global são computadores, máquinas de reprodução fac-similar, satélites, monitores para altas decisões” (IANNI, 2002, p. 92). O próprio jornalismo internacional surgiu a partir de uma necessidade de circulação de informação do capitalismo.

Hall (2002) afirma que a última fase da globalização tem impactos sobre a identidade de forma que:

Uma das suas principais características é a “compressão espaço-tempo”, a aceleração dos processos globais, de forma que se sente que o mundo é menor e as distâncias mais curtas, que os eventos em um determinado lugar têm um impacto imediato sobre pessoas e lugares situados a uma grande distância. (HALL, 2002, p. 69)

Essa compressão do tempo-espaço ocorreu devido ao desenvolvimento do transporte e dos meios de comunicação. Um fato ocorrido no Oriente Médio repercute em tempo real no mundo inteiro. E é porque vivemos numa sociedade global que os fatos que acontecem em qualquer lugar do mundo vão encontrar ecos em todos os outros lugares, inclusive no Brasil.

Personagens brasileiros que vivem na Faixa de Gaza são um exemplo dessas múltiplas identidades que o sujeito assume na pós-modernidade. O fato internacional, agora conta com a presença, além dos correspondentes de guerra dos personagens nacionais, que ajudaram a contar a história com uma visão local sobre o global. No seguinte capítulo faremos uma análise e avaliaremos se esses personagens ajudaram ou não a aproximar o conflito na Faixa de Gaza da realidade dos brasileiros.

4- OS PERSONAGENS DE GAZA

A análise sobre o uso do personagem em telejornalismo de guerra foi realizada sobre uma série de 3 reportagens do Fantástico, da Rede Globo durante os 22 dias da ofensiva de Israel à Faixa de Gaza, exibidas durante os dias 4, 11 e 25 de janeiro de 2009. Para fazer o contraponto se o personagem é o diferencial ou não da cobertura jornalística em área de conflito armado, foram escolhidas duas reportagens do Jornal Nacional durante os dias dessa ofensiva. As edições escolhidas foram as de 05 e 15/01/2009, por se tratar de dias em que o conflito esteve mais acirrado. As reportagens se encontram disponíveis para acesso no G1, o site de jornalismo da Globo.

Para contar a história dessa ofensiva de Israel à Faixa de Gaza no Fantástico os personagens escolhidos foram: Laila Farid, Farid Shain, Fred Haiat, Bruno Schuster, Omar Al Jamal, entre outros encontrados eventualmente. Todos eles brasileiros ou com alguma ligação com o Brasil, vivendo na área do conflito entre palestinos e israelenses.

Laila Farid é uma educadora árabe brasileira que mora com o pai, Farid Shain em um campo de refugiados da Faixa de Gaza, território atacado pelos israelenses durante a “Operação Chumbo Fundido”. Ela e o pai deixaram a família no Brasil para morar em Gaza. Os familiares do Brasil não quiseram se manifestar sobre o conflito.



Figura 1 - Laila Farid Shain



Figura 2 - Farid Shain

Fred Haiat é judeu brasileiro, estudante de engenharia, que mora em Ashkelon, cidade israelense alvo de ataques do grupo Hamas.



Figura 3- Fred Haiat

Omar Al Jamal é um palestino que viveu por mais de 30 anos no Brasil. Durante os 22 dias dos ataques, as fronteiras de Gaza estiveram fechadas. Por isso, Omar Al Jamal ajudou os repórteres, que não puderam entrar em Gaza, a fazer a cobertura do conflito.



Figura 4 - Omar Al Jamal

Bruno Schuster é um brasileiro que foi trabalhar em Israel. Ele espera ser chamado para o Exército israelense para linha de frente no combate.



Figura 5 - Bruno Schuter

Outros personagens apareceram ao longo da série de reportagens, exibidas pelo Fantástico durante os dias do conflito. São eles: Mohamed e Ahulda Salém, respectivamente filho e mãe. São palestinos que moraram no Brasil durante 15 anos e estavam refugiados em escolas da ONU durante os dias dos ataques. Outros personagens exclusivamente árabes foram Seu Chawkin e a família Abdulhalima, palestinos que perderam tudo.



Figura 6 - Seu Chawkin



Figura 7- Ahulda Salem



Figura 8 - Mohamed



Figura 9 - Família Abdulhalima



Figura 10 - Ali, criança da família Abdulhalima

Percebemos que a maioria dos personagens, exceto Seu Chawkin e a família Abdulhalima, são brasileiros ou têm algum vínculo direto ou indireto com o Brasil. Isso ajuda a aproximar o conflito do telespectador nacional, uma vez que traz a visão de brasileiros, pessoas comuns, que moram na região do conflito.

De acordo com a definição das categorias de personagens feita por Petit (2008), todos estariam enquadrados como personagens vitimizados. “As vítimas podem ser qualificadas como aquelas que sofrem o dano, pessoas inocentes a quem é infligida determinada ação negativa” ((PETIT, 2008, p. 86).

Todos os personagens de Gaza estão sofrendo, seja pela falta de água, energia elétrica e alimentos ou pelo medo de ser atingido por alguma bomba israelense. Em Ashkelon a população civil também tem medo de ser atingida pelas bombas do Hamas. Seu Chawkin e a família Abdulhalima perderam tudo o que tinham durante os ataques. Esses tipos de personagens têm o poder de sensibilizar, por demonstrar em algum nível o sofrimento humano. Segundo Neves (2005) a personificação da notícia cria uma espécie de ambiente afetivo. Os personagens vitimizados reproduzem o sentimento em relação ao sofrimento do ser - humano e principalmente, em relação ao medo.

Nesse sentido, apenas a exibição de imagens como aconteceu na Guerra do Golfo em 1990 não seria suficiente para despertar a atenção do telespectador, uma vez que elas podem

ser desligadas junto com o aparelho de televisão. É preciso criar esse ambiente afetivo, que envolve o telespectador dentro da reportagem. O personagem é o elemento que ajuda a sensibilizar, personifica a notícia.

Outra função atribuída ao personagem, que foi exercida na cobertura do conflito em Gaza, é a exemplificação. Vivendo em lados opostos do conflito, Fred e Laila mostraram o dia-a-dia de quem mora na região.

A função didática dos personagens também pode ser reconhecida nas reportagens. Através deles o repórter trouxe um fato abstrato, sem relação direta com o Brasil para realidade dos brasileiros. Os brasileiros dentro do conflito explicam o que acontece na região, embora não resgatassem o contexto histórico de 60 anos de conflito.

A função de universalizar também é exercida por esses personagens. Laila, a moça árabe, tem traços da personalidade de árabes, ao dizer que sente pena dos israelenses, que queria morrer em sacrifício para encontrar um “lugar de reconhecimento junto ao nosso senhor”. Esse é um discurso encontrado na fala de um típico árabe.

Já Fred tem uma postura mais neutra em relação ao conflito. Fred universaliza um personagem que Ianni (2006) chama de cidadão do mundo. Ele mora longe de seu país para estudar, sabe várias línguas e ajuda a construir essa cultura global. Mas ele carrega marcas de um típico judeu, encontrado em sua fala quando Laila o convida para comer repolho recheado com carne. Ele enfatiza que a carne tem que ser de carneiro.

A partir dessas falas podemos ver que as identidades dos personagens estão bastante misturadas. Laila, ao mesmo tempo em que diz querer morrer em Gaza por “nosso senhor”, admite que sente saudades do Brasil, mas que aqui ela não pode ser como “nosso senhor espera dela”. É um choque entre as identidades brasileira e a árabe.

A principal função que esses personagens exerceram foi a de aproximação. O conflito palestino-israelense está distante, tanto geográfica quanto historicamente dos telespectadores brasileiros. O conflito já se arrasta por quase 60 anos e os noticiários brasileiros fazem uma cobertura dos fatos atuais. Não há tempo para contextualização dos acontecimentos do presente.

A presença dos personagens brasileiros aproximou geograficamente os acontecimentos de Gaza do Brasil, mostrando que realmente vivemos interconectados nessa sociedade global. Eles também trouxeram uma visão nacional de pessoas comuns para esse fato internacional. As identidades dos personagens se mesclam entre brasileira e árabe, em Laila, e brasileiro e

judeu em Fred, compondo assim a universalidade do personagem que aproxima ainda mais do telespectador brasileiro, exemplificando a realidade dos moradores da zona de conflito.

Laila e Fred conversaram por telefone durante as reportagens do dia 4 e 11 de janeiro, mostrando que os brasileiros estavam sofrendo de lados opostos do conflito, mas que não eram inimigos. Na reportagem do dia 11, Fred diz “eu queria te avisar que aqui em Gaza não é todo mundo que está feliz com o que está acontecendo”. Laila deseja paz para Fred, e ele recomenda que ela se cuide. E até combinam um almoço para quando os ataques terminassem.

O diferencial no Fantástico na cobertura de guerra foi justamente o uso do personagem. Mas não de qualquer personagem, e sim de personagens brasileiros, que viviam na zona do conflito, e que aproximaram o fato a partir de suas múltiplas identidades. Com isso foi possível universalizar os tipos árabe-brasileiros e judeu-brasileiros, trazendo uma visão nacional do homem comum sobre o conflito e sobre o que eles viveram durante os dias dos ataques.

Já a cobertura do Jornal Nacional, que traz o jornalismo diário da Rede Globo não inovou. Para essa análise foram escolhidas reportagens de duas edições do telejornal: dia 5/01/2009 e dos dia 15/01/2009.

O que percebemos na cobertura do Jornal Nacional é uma predominância de fontes oficiais. No dia 5/01/2009 a chamada dizia: “Em dez dias, mais de 550 palestinos já morreram”. Alberto Gaspar, o mesmo enviado especial que assina as reportagens do Fantástico produz as matérias para o Jornal Nacional. Nesse dia, de Asheklon, Gaspar cita fontes oficiais como Ehud Barak, ministro da defesa e Jah Mahmoud Zahar, dirigente do Hamas.

Como as fronteiras de Gaza ainda estavam fechadas nessa data, Alberto Gaspar usou como fonte Omar, o mesmo comerciante citado na última reportagem da série do Fantástico. Ele fala sobre a situação dentro de Gaza.

No dia 5/01/09 Alberto Gaspar faz uma entrada ao vivo no Jornal Nacional, dando as últimas informações sobre número de mortos e ataques durante o dia.

Logo depois vem uma reportagem que usa como fontes dois pesquisadores falando sobre “como atuam as duas forças no confronto em Gaza”. Essa foi uma reportagem feita no Brasil, por Pedro Bassan.

No dia 15/01/2009, a chamada diz “Israel atinge sede de agência da ONU em Gaza”. Nesse dia as fontes utilizadas foram o Secretário Geral da ONU, Ban Ki-Moon, o Ministro da

Defesa e o Primeiro Ministro israelense Ehud Olmert. De Nova York, a correspondente Giuliana Morrone dava as últimas informações sobre o processo de negociação de paz, citando a Ministra de Relações Exteriores de Israel, Tzipi Livni, o Secretário Geral da ONU e a secretária de Estado americana, Condoleezza Rice.

Omar foi o único personagem utilizado nessas duas reportagens. Além dele, no dia 5/01/09 apareceram mães perguntando “para onde levaremos nossos filhos?”

Segundo a classificação de Petit (2008) os personagens utilizados no Jornal Nacional fazem parte da categoria dos redentores, que podem libertar as vítimas do suplício dos ataques com um acordo de trégua ou tratado de paz.

O formato enxuto do Jornal Nacional, utilizando informações técnicas como o número de mortos e a quantidades de ataques durante o conflito e o processo de negociação de paz é a maneira como se vem trabalhando as informações de guerra no telejornalismo brasileiro diário, além do uso de imagens do campo de batalha. Essas são informações importantes, mas não ajudam a aproximar o conflito dos telespectadores brasileiros uma vez que, segundo Petit (2008), o ser humano só se interessa por ele mesmo. Ele precisa se ver de alguma forma representado na reportagem. A partir daí, “a proximidade do reflexo produz identificação, um sentimento de comunhão e de pertencimento porque nos espelha de alguma maneira” (PETIT, 2008, p. 73). Laila e Fred foram esses espelhos do telespectador brasileiro dentro do conflito na Faixa de Gaza.

CONCLUSÃO

A proposta de discussão desse trabalho foi acerca do uso do personagem no telejornalismo de guerra. Ele realmente teria o poder de aproximar um fato internacional, sem conexão direta com o país dos telespectadores?

Para essa discussão fizemos um levantamento do jornalismo internacional e de coberturas de guerras em telejornalismo. Durante as pesquisas encontramos duas guerras marcantes na história da televisão. A Guerra do Vietnã e a Guerra do Golfo mobilizaram a opinião pública durante os primeiros momentos de exibição das imagens do campo de batalha. Na Guerra do Golfo as transmissões ao vivo davam maior impacto sobre o fato. No entanto, quando o telespectador desliga o aparelho de televisão, aqueles acontecimentos em outro país, outro continente, outra cultura se tornam abstratos.

Nesse sentido, o telejornalismo foi buscar na narrativa literária um elemento para humanizar a matéria, sensibilizar o telespectador. É o personagem, que em telejornalismo tem a função de aproximar, universalizar e exemplificar os acontecimentos.

O repórter da Globo Alberto Gaspar, realizou a cobertura da “Operação Chumbo Fundido” para todos os telejornais da emissora. No Jornal Nacional, Gaspar utilizou fontes oficiais. As informações relatadas durante essas reportagens ficaram entre números de mortos, locais de ataques, processos de negociação de paz, em geral, informações mais técnicas. E muitas imagens da zona de combate.

Já no Fantástico, Alberto Gaspar utilizou os personagens. Mas não qualquer personagem. Eram brasileiros, vivendo na área do conflito, que trouxeram a partir de suas múltiplas identidades uma visão nacional sobre um fato internacional. As imagens giraram em torno do dia-a-dia dos personagens.

Com isso, concluímos que no Fantástico, a cobertura de guerra foi diferenciada da cobertura do Jornal Nacional, pelo uso de personagens brasileiros, que cumpriu a função de aproximar o conflito de Gaza dos telespectadores nacionais.

Contudo, o personagem é apenas mais uma estratégia para inserir o homem comum dentro do telejornalismo. No mundo de hoje, onde os personagens têm a possibilidade de criar suas próprias narrativas, em primeira pessoa, através da internet, é preciso tomar cuidado com os roteiros programáveis. O personagem não deve servir como fórmula pronta dentro da reportagem, de forma a evitar sua caricaturização.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSEN, Jon Lee. *A Queda de Bagdá*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2005. 387p.

BARBEIRO, Herodóto; LIMA, Paulo Rodolfo de. *Manual de Telejornalismo*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2002. 251 p.

BECKER, Beatriz. Telejornalismo de qualidade: um conceito em construção. *Revista Galáxia*, São Paulo, nº10, p.51-64, dez. 2005. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/galaxia/article/viewArticle/2011>>. Acesso em 10 de Maio de 2005.

BONNER, William. *Jornal Nacional: Modo de Fazer*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2009. 247 p.

BRASIL, Antônio Cláudio. *Telejornalismo, Internet e Guerrilha Tecnológica*. 1ª ed. Rio de Janeiro. Editora: Ciência Moderna, 2002. 375 p.

CUNHA, Euclides Da. *Os Sertões*. 2ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002. 882 p.

DAVIS, John H. *A paz evasiva: um estudo do problema árabe-sionista*. 1ª ed. [Rio de Janeiro: Delegação da Liga dos Estados Árabes, 1970](#). 126 p.

FIORE, Quentin; MACLUHAN, Marshal. *Guerra e Paz na Aldeia Global*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Distribuidora Record, 1971. 192 p.

FUSARO, Karin de Pecs; STEINGER-ELIAS, Margarethe Born. Estudo sobre a formação de redes sociais de informação geopolítica através do noticiário sobre o conflito palestino-israelense. IN CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 31.,2008 Natal, *Anais do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Mídia, Ecologia e

Sociedade. Natal, 2008. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-1905-1.pdf>> Acesso em: 24 de Maio de 2009.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. 11ª ed. São Paulo: DP&A Editora. 2003. 102 p.

HERR, Michael. *Despachos do Front*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2005. 256 p.

IANNI, Octavio. *A Sociedade Global*. 13ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. 192 p.

KÜNH, Adriana. *A História dos Correspondentes Brasileiros de Guerra e Sua Relação com o Poder Político e Militar*. Disponível em: <<http://www.almanaquedacomunicacao.com.br/artigos/1112.html>> Acesso em: 30 de Setembro de 2009.

MAALOUF, Ramez Phillipe. **Massacre em Gaza**. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/Urutagua/article/viewFile/6516/4047>> Acesso em 10 de Agosto de 2009.

MACHADO, Arlindo. O Telejornalismo em Tempo de Guerra. *Revista USP*. São Paulo v. 62, nº 12, 1992. Disponível em: < <http://www.usp.br/revistausp/12/17-arlindo.pdf>> Acesso em 18 de Setembro de 2009.

MAGALHÃES, Laerte; SOUZA, Karla Caroline; Nery de. VIZEU, Alfredo. Luz, câmera, interpretação: Os elementos da construção da notícia na TV. IN Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 31., 2008 Natal, *Anais do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Mídia, Ecologia e Sociedade. Natal, 2008. Disponível em: <http://intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0207-1.pdf>. Acesso em 10 de Maio de 2009.

NATALI, João Batista. *Jornalismo Internacional*. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2004. 127 p.

NEVES, Teresa Cristina da Costa. A Dramatização no Telejornalismo. *Revista Famecos*, Porto Alegre. V 1, nº 22, p. 117-123. 1997. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/caligrama/n_3/TeresaNeves.pdf> Acesso em 22 de Maio de 2009.

PETIT, Carmem Lúcia Barreto. *Encenações do Cotidiano e seus personagens: O Homem Comum no Telejornal*. Rio de Janeiro: PUC-RJ. 2008. 143 p. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós Graduação em Comunicação Social da PUC-RJ. Rio de Janeiro, 2008. Disponível em <http://www2.dbd.pucRio.br/pergamum/tesesabertas/0610535_08_pretextual.pdf> Acesso em 10 de Maio de 2009.

RIBEIRO, José Hamilton. *O Gosto da Guerra*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2005. 144 p.

RISSONI, Gabriela Pavanato Sardinha. Cobertura de Guerra – Mediação e Realidade. *Cenários da Comunicação*. São Paulo, v 1, nº 1, p 67-74, 2002. Disponível em: <http://www4.uninove.br/ojs/index.php/cenarios/article/viewFile/43/53>. acesso em: 27 de Setembro de 2009.

SILVEIRA, Joel. *O Inverno da Guerra*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2005. 176 p.

TREGASKIS, Richard. *Diário de Guadalcanal*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2005. 248 p.

VILELA, Mauriney Eduardo. *Política Internacional na Televisão: a devolução da Faixa de Gaza aos Palestinos nos telejornais brasileiros*. Disponível em: http://www.faac.unesp.br/posgraduacao/Pos_Comunicacao/pdfs/mauriney.pdf Acesso em: 10 de Maio de 2009.

WAINBERG, Jacques A. Nações em Guerra, Repórteres em Luta. *Revista Famecos*. Porto Alegre, v 1, nº 5, p. 57-62, 1996. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/fo/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/2948/2232>. Acesso em: 17 de Setembro de 2009.

ANEXOS

Reportagem do Fantástico do Dia 04/01/09

Gaza: brasileira relata o terror dos bombardeios

Região está sem luz e com pouca água.

O correspondente da TV Globo Alberto Gaspar acompanhou brasileiros envolvidos nos dois lados do conflito entre Israel e a facção palestina Hamas.

"Vivemos em constante medo, muito medo", diz a educadora Laila Farid Shahin.

"A gente nunca sabe o que vai acontecer amanhã. Hoje, posso sair da minha casa para estudar e, de repente, vem uma bomba", conta o estudante Fred Haiat, que mora em Ashkelon, sul de Israel, cidade na mira dos mísseis do Hamas, a facção palestina que controla a Faixa de Gaza.

A educadora Laila Farid Shahin vive em um campo de refugiados em Gaza, território arrasado pelas bombas israelenses na última semana.

Laila e Fred são dois brasileiros separados por um conflito que já matou muitas centenas de pessoas em nove dias. Palestinas, na imensa maioria.

Nós registramos a rotina tensa nos dois lados da fronteira.

"Tenho 28 anos e moro em Israel faz cinco anos", conta Fred.

"Eu trabalhava em uma creche, cuidando de crianças, e tive que parar para cuidar do meu pai", conta Laila.

Diabético e portador de problemas psiquiátricos, o pai de Laila, Farid Shahin, deixou mulher e dois filhos no Rio de Janeiro. Ele quer ir embora, mas como as fronteiras de Gaza estão fechadas há anos...

"Aqui não tem nada. Deus me livre! Aqui só tem bomba para jogar em cima de nós. Eu quero voltar para o Brasil", diz Farid Sahanin.

Ao contrário do pai, Laila quer ficar. A brasileira aderiu a causa palestina e está disposta a ir às últimas conseqüências.

"Eu queria morrer, em martírio aqui também", diz Laila, que divide um terreno com o pai e o irmão. Cada família tem sua própria casa. Ela veste o nicab, uma roupa tradicional islâmica que cobre o corpo inteiro. O pai dela, Farid Sahanin, mora com a atual esposa.

"No quarto das crianças está um frio terrível", diz Laila.

É inverno em Gaza, mas sem energia elétrica não existe aquecimento. Os vidros das janelas quebraram com o impacto das bombas. Colocaram plástico no lugar das janelas, para tentar diminuir o frio. Também resta pouca comida na cozinha.

"Todas as torneiras estão sem água. Não tem gás para fazer um chazinho para as visitas. Eles vão perdoar a gente. Em uma melhor ocasião a gente faz", diz Laila para a equipe de reportagem.

A não mais que dez quilômetros da casa de Laila, Fred vive o cotidiano de guerra em Israel. Ele mora em Ashkelon. Aluga um apartamento que ocupa parte de uma casa.

"É um quarto e sala, com uma cozinha pequena", descreve. "Passo a maior parte do tempo no meu quarto. Eu vim para Israel para estudar. Tenho que conseguir meu diploma de engenharia. Agora cancelaram as aulas. Faz dois dias que caiu um foguete do lado da minha faculdade".

Fred tem conforto, mas não tranquilidade. Ele explica o que faz quando soa o alarme de bomba: "A gente vai para um lugar subterrâneo embaixo de uma escada onde as paredes são bem protegidas. Eu tenho 30 segundos para descer a escada. Vou para lá, abaixo, ponho a mão na cabeça e espero escutar o barulho da bomba. Daí eu volto e posso continuar a fazer as coisas que eu estava fazendo em casa".

Nas ruas, apenas o silêncio. "Tem pouquíssimos carros. Os ônibus foram cancelados. As lojas estão fechadas", diz ele no momento da entrevista. "Um foguete caiu e destruiu um carro. Por sorte, a mulher escutou a sirene e saiu do carro. Por todo lado dá para ver os pedaços do carro e até um pedaço de sapato de mulher e de uma sandália de criança", conta.

Na feira de Ashkelon, ninguém à vista. O comércio ao ar livre foi proibido. Desavisado, um feirante teve de voltar para casa.

"Ele veio com frutas. É uma pena, porque vai perder tudo. As frutas vão apodrecer", lamenta Fred. "Um foguete que caiu destruiu um carro completamente. Por sorte, a mulher escutou a sirene e saiu do carro. Por todo lado, só restam pedaços do carro. Dá até para ver um pedaço de sapato de mulher e uma sandália de criança".

Na Faixa de Gaza, as explosões também tiram o sono de Laila. "A gente não tem como dormir mais. As crianças ficam chorando. Acordamos assustados com tudo que acontece ao redor".

É nessa hora que ela pensa no Brasil.

"Tenho saudade de todas as coisas de lá. Chuchu na água e sal, por exemplo, ou suco de maracujá. Às vezes, eu tenho vontade de sentar com a minha mãe e comer aipim cozido ou frito. Minha mãe pensa em me levar para lá, para ajudá-la em sua pequena confecção. Mas eu gostaria de morrer aqui também. Porque aqui eu seria martírio. Lá não. E martírio me daria uma recompensa muito grande próximo ao nosso Senhor", justifica Laila.

Toca a sirene em Ashkelon, Israel. A ordem é ir para o chão. Fred e a equipe de reportagem se jogam no chão.

"Não é fácil", diz Fred.

A cidade está deserta e ensolarada.

"A Marina de Ashkelon é um ponto turístico com vários restaurantes", conta Fred.

O autofalante toca para ninguém. Nem sinal dos turistas.

"Geralmente o lugar fica lotado", conta Fred.

O alarme soa mais uma vez. Agora, todos correm para um abrigo antiaéreo próximo.

"Estamos dentro de uma proteção contra foguete", conta Fred. Em poucos minutos, todos saem, aparentemente tranquilos. "Já está virando uma rotina", diz Fred.

Mas não demora muito e soa o terceiro alarme. Todos voltam para o abrigo.

"Acho que a coisa está pegando hoje. Espero que seja o último", comenta Fred.

Fred estava enganado. "Pela terceira vez estamos no abrigo, em menos de 15 minutos", constata. "Tem momentos em que eu penso em voltar para o Brasil, mas ainda tenho esperança de que aqui vai ser um lugar muito bom para morar", desabafa.

No dia seguinte, a equipe de reportagem volta à casa de Laila, na Faixa de Gaza. "Hoje é o sétimo dia de bombardeio. Esperamos que não passe de uma semana, que já é muito tempo. Esta noite foi a pior de todas", conta.

Agora vestida de preto, Laila faz café para a equipe. "Trouxeram a luz por algumas horas. Deu para fazer alguns pães rapidinho e fervemos água para conservarmos na garrafa", conta.

Laila mostra o quintal da casa quando ouve-se um barulho forte. "É um míssil – e dos grandes. Toda noite ouvimos esse som. A gente nem dorme. Ficamos tremendo, porque pode vir para cima da gente", conta.

A próxima semana deverá ser ainda mais angustiante para a brasileira. As tropas israelenses começaram neste sábado (3) a invasão por terra.

"Uma mensagem para Laila, que está em Gaza: espero que isso termine e que se cuide", diz Fred.

"A mensagem que eu mando para você é que a paz que Ele colocou no nosso coração, Ele coloque no seu e de todos os israelenses aí, para que eles não continuem com isso. E paz, sinceramente, paz", deseja Laila para Fred.

(Reportagem do Fantástico do dia 11/01/09)

Brasileiros na zona do conflito se falam por telefone

Laila e Farid contam como se protegem na guerra.

Domingo passado você viu o drama de dois brasileiros que estão no centro do conflito no Oriente Médio. Em Ashkelon, sul de Israel, encontramos Fred Haiat. O outro personagem está na Faixa de Gaza. Mais precisamente num campo de refugiados na Cidade de Gaza, trata-se de Laila Farid Shahin. Vamos saber o que aconteceu com os dois brasileiros durante esta semana de guerra.

Cidade de Gaza, noite de quinta-feira, 8 de janeiro

“Em nome de Alá, o clemente, o misericordioso, hoje já é o 13º dia, e ainda continuamos em conflito”, diz a educadora Laila Farid Shahin. “Ainda tem a falta de água, ainda tem a falta de gás, ainda tem a falta de mantimentos. As escolas estão interrompidas de dar aulas. Ainda temos medo de andar nas ruas”.

A cerca de 10 quilômetros dali, no outro lado da fronteira, o brasileiro Fred Hajat dirige pelas ruas quase desertas de Ashkelon, em Israel.

“Sair com carro nessa situação é um pouco perigoso, porque se cair algum foguete aqui não tem onde se proteger”, comenta o estudante Fred Haiat.

A cidade tem sido alvo constante dos foguetes do Hamas, a facção palestina que controla a Faixa de Gaza, como o Fantástico mostrou no domingo passado.

O estudante de engenharia nos leva à faculdade onde estuda, em Ashdod, a cerca de 20 quilômetros ao norte de Ashkelon. “Geralmente aqui tem três mil alunos. As aulas estão suspensas por causa dos ataques.

“Não é um edifício seguro”, diz.

Segurança é também a principal preocupação de Laila, na Faixa de Gaza. Sempre vestida com o nikab, a roupa tradicional islâmica que cobre o corpo inteiro, desta vez a brasileira não permitiu que nossa equipe iluminasse o ambiente para a filmagem, com medo de chamar a atenção dos soldados israelenses.

“É impedido que use a luz de noite. Com medo de eles atirarem na gente, também. Nem a luz do celular é ligada”, explica Laila.

Em uma imagem da semana passada, vemos Laila com o celular. O aparelho se tornou a única forma de contato com o exterior. Graças a alguns vizinhos que têm geradores, ela consegue recarregar a bateria do telefone. Mas a luz não é suficiente para tudo.

“Ninguém mais consegue usar a panela de fazer pão, porque ela precisa de muita energia elétrica”, exemplifica.

A sirene toca em Ashkelon. É mais um foguete palestino. Você viu na primeira reportagem: se não houver um abrigo antiaéreo próximo, a ordem é ir para o chão.

Há um ano na cidade, Fred ainda não conhece muitos brasileiros. Nós o apresentamos ao recepcionista de hotel Bruno Schuster, um paulistano que está há cinco anos em Israel, com muitas histórias de foguetes palestinos para contar.

“Estávamos na praia, jogando futebol, os brasileiros que moram aqui em Ashkelon. Do nada caiu um míssil. Foi tudo para cima. Não teve sirene, nada, nada”, conta o recepcionista de hotel Bruno Schuster.

Bruno está prestes a ser convocado para o exército israelense. “Eu quero ser combatente. Linha de frente. Não vim do Brasil até aqui para ficar lavando prato no exército”.

Se Bruno quer ficar em Israel, Farid, o pai de Laila, quer sair da Faixa de Gaza o mais rápido possível. “Eu quero ir embora para o Brasil. Pede ao presidente Lula para me mandar, para falar com Embaixada para me dar o meu passaporte, minhas coisas para eu ir embora. Minha filha vai ficar, mas eu não fico”, pede o pai de Laila, Farid Shahin.

A representação diplomática do Brasil para os territórios palestinos em Ramallah, está tentando a repatriação de Laila e Farid, que é palestino naturalizado brasileiro. O problema é a documentação desatualizada de ambos.

Laila disse, no domingo passado, que queria morrer pela causa palestina: “O martírio teria uma recompensa muito grande próximo ao nosso senhor”.

Agora, ela admite voltar para o Brasil, mas com a condição de retornar à Gaza quando quiser.

Mas como Israel controla as fronteiras, se Laila saísse agora, teria muitas dificuldades para voltar a colocar os pés em Gaza. Agradeço à minha mãe pelas suas orações. O pé dela já está sangrando de tanto orar pela gente.

Procuramos também a família de Laila no Rio de Janeiro. Embora sensibilizados pelo drama, a mãe e os irmãos não quiseram dar entrevista.

Esta semana, pela primeira vez, Fred e Laila conversaram por telefone. Trocaram idéias e até fizeram planos juntos.

Laila - Já convidei o Fred para um almoço e ainda vou fazer almoço pra ele. O cardápio vai ser repolho recheado, se ele gostar.

Fred - Adoro. Adoro. Repolho recheado com quê? Carne e arroz?

Laila - Mas é claro!

Fred - Mas carne de carneiro, né?

Laila - se a gente encontrar carne, tá bom!

Fred - Eu quero te avisar que aqui em Israel não é todo mundo que está feliz com o que está acontecendo em Gaza. Eu espero que termine, eu espero que você se cuide aí.

(Reportagem do Fantástico do dia 25/01/09)

Equipe da TV Globo entra na Faixa de Gaza

Repórter reencontra a brasileira Laila.

Domingo passado, uma trégua suspendeu um dos mais violentos conflitos dos últimos anos no Oriente Médio. A guerra entre Israel e o Hamas, o grupo radical islâmico que controla a Faixa de Gaza.

Esta semana, nossos repórteres receberam permissão para entrar no território devastado e reencontraram Laila, a brasileira que viveu dias de medo, fome e frio em Gaza.

Logo ao cruzar a fronteira, a paisagem desoladora deixada pelos bombardeios: vemos montanhas colossais de escombros, muitas de órgãos públicos sob o controle do Hamas, como a delegacia de polícia que existia neste lugar. Aos poucos dá pra perceber a vida voltando ao normal. No mercado ao ar livre há pouca quantidade e variedade de produtos. Quase todos os alimentos aqui são de ajuda humanitária internacional, ou contrabandeados do Egito, por túneis, assim como o combustível que alimenta esse trânsito.

Essa é a versão local do posto de gasolina. Isso é benzina , vendida assim em litros e nos recipientes que as pessoas compram por um dólar o litro.

Ao norte de Gaza por onde começou os avanços terrestres das tropas israelenses , entre muitas outras, encontramos esta casa arrasada. A família estava refugiada em outro lugar na hora do ataque. Professor de inglês, Seu Chawkin, diz que perdeu tudo que conseguiu em 30 anos de trabalho

Seu Chawkin – Mas nunca vamos nos render, ele desabafou, prefiro ser enterrado aqui a erguer os braços.

Nesta outra casa atingida por três bombas, 15, dos 20 integrantes da família Abdulhalima morreram. Ali, de 4 anos é um dos sobreviventes. A mãe dele está no hospital, com queimaduras graves. Essa é uma das regiões com a suspeita do uso de bombas de fósforo, armas que causam ferimentos terríveis e que por isso mesmo são proibidas em áreas civis.

Logo no início da ofensiva israelense brasileiros e palestinos com fortes ligações com o Brasil, nos transmitiram, por telefone, os sentimentos, o ponto de vista de quem estava aqui, na Faixa de Gaza. Só agora, quase um mês depois nós pudemos conhecer melhor essas pessoas.

Primeiro fomos ao encontro de Laila, a brasileira que você conhece aqui no Fantástico em imagens gravadas por equipe de TV de casa, sempre coberta com o Likad, uma roupa tradicional islâmica. Laila se dizia disposta a morrer pela causa palestina.

Laila “o mártir tem uma recompensa muito grande junto ao nosso senhor.”

Vê-la de perto não foi fácil. O pai, Farid, nos recebeu sorrindo, mas Laila resistiu.

Laila eu só quero te conhecer!

Laila mandou servir café, bolo, chá de hortelã, mas nada de aparecer. Demorou até Laila se decidir a falar. Sobre a guerra, claro.

Você acha que o pior já passou?

Eu acho que é o início das outras vitórias que virão, é uma vitória pro islã.

Você tem ódio de Israel?

Eu tenho pena.

O pai de Laila ainda espera a repatriação, prometida pelo governo brasileiro. A filha prefere ficar. Primeiro por motivos religiosos.

Agora eu to feliz, eu consegui fazer o que Ala quer de mim, eu consigo me vestir como ele quer.

E também, segundo ela, porque o Rio de Janeiro, onde ela morava, vive outro tipo de guerra.

Tem a guerra do tráfico, que é pior ainda, eu prefiro a daqui, que é mais digna, que é pela causa de Ala.

Antes de irmos embora, Laila ainda nos serviu suco de tangerina, umas azinhas de frango com salada.

Depois do cessar fogo, mas antes de Israel permitir a entrada de toda a imprensa internacional na Faixa de Gaza, quem nos ajudou a registrar os efeitos da guerra foi este palestino, bem brasileiro.

Omar Al Jamal (comerciante) Morei 33 anos no Brasil, eu escolhi ser brasileiro, você nasceu brasileiro mas eu escolhi. O comerciante se esforçou pra ser repórter enquanto esperava a nossa chegada. Ele mostrou a destruição no Parlamento Palestino.

Essa é a Camara dos Deputados. Quatro mil metros construídos. Foi destruído tudo. Foram destruídos hospitais, foram atingidas escolas, foram atingidos todos os prédios do governo.

Omar também mostrou áreas residenciais arrasadas pelas bombas.

Omas – Mais de duzentas, trezentas casas, edificios, tudo destruído.

O comerciante visitou um hospital e conversou com feridos.

Omar- essa pessoas, ele ta dizendo, que tava ele, a família dele, todas as pessoas foram mortas, a única pessoa que sobrou da família é ele.

Este outro palestino contou que estava fazendo uma refeição com a família no momento do bombardeio.

Omar - Acabou morrendo cinco pessoas da família dele.

As crianças e os jovens da Faixa de Gaza voltaram as aulas neste fim de semana. Ahulda Salem viveu 15 anos no Brasil. É professora de uma escola das nações unidas. Mohamed, o filho de 17 anos de Ahulda estava muito contente por voltar a estudar.

Mohamed – to numa felicidade só. Tenho saudades, no Brasil vivi toda minha vida, sou carioca.

Mas e Fred, o brasileiro que vivia sob ameaça dos foguetes palestinos em Asquel, Sul de Israel? Nós o encontramos também de volta aos estudos, na faculdade de Engenharia em Ashoto

Fred – Agora vou ter minha primeira aula, to um pouco atrasado, tenho que ir.

Pensando no futuro, Fred acredita no diálogo.


Fred – Acredito que Israel de um jeito ou de outro tem que falar com o Hamas

Laila – Temos todos que acreditar, Senhor Gaspar.

Matérias de Gaza Jornal Nacional 5/10/2009

Em dez dias, mais de 550 palestinos já morreram

Em Gaza, as informações são de uma crise humanitária cada vez maior, com hospitais sem os mínimos recursos para continuar atendendo o enorme numero de feridos.

 Israel intensificou nesta segunda-feira os bombardeios contra a Faixa de Gaza. Em dez dias de confronto, mais de 550 palestinos morreram, quase 100 crianças.

Do lado israelense, as baixas são bem menores: cinco mortos, mas os moradores de Israel continuam sob ameaça dos foguetes do Hamas, que continuam sendo disparados, como mostra o correspondente Alberto Gaspar.

A primeira imagem do dia em Ashkelon: numa área já isolada pela polícia, um robô comandado por controle remoto se preparava para remover um foguete que não explodiu ao cair, e ficou enterrado no solo. Mas aí, novas sirenes de alarme soaram.

Seguimos os bombeiros. Outro foguete explodiu, junto ao muro de uma casa. Pessoas eram retiradas, em choque. Eu conversava com uma moradora quando tivemos que correr.

Um ministro israelense também teve que correr. Imagens que muitas vezes podem desmentir o colega dele, Ehud Barak, ministro da Defesa: "Atingimos duramente o Hamas. Mas a operação continua", concluiu Barak.

Jah Mahmoud Zahar, dirigente do Hamas, disse que os ataques contra a Faixa de Gaza tornam legítimo matar israelenses.

Em Gaza, as informações são de uma crise humanitária cada vez maior, com hospitais sem os mínimos recursos para continuar atendendo o enorme numero de feridos. Informação isralense, sobre os desdobramentos da operação terrestre, quase nenhuma, ao longo do dia.

Centenas de jornalistas esperam, à distância, que Israel cumpra a promessa de permitir que um pequeno grupo entre na região. Nesta segunda conseguimos contato, por telefone, com mais um brasileiro. Nascido em Gaza, mas que passou a maior parte da vida no Rio de Janeiro. A esperança de Omar, de 56 anos, é o esforço diplomático para deter a guerra.

"Espero que as coisas fiquem calmas. Por isso hoje o lado político está entrando. Não é bom nem palestino, nem para israelense, nem para povo, nem para criança. Sempre com a guerra sai todo mundo perdendo, principalmente os civis".

Dois acontecimentos importantes na história do país podem influenciar na decisão de Israel de não aceitar um cessar-fogo. Um deles aconteceu num passado ainda recente, outro é esperado num futuro próximo.

Há uma eleição nacional marcada para 10 de fevereiro. O resultado da guerra pode ser decisivo. E Israel ainda não se recuperou do trauma de 2006, na guerra contra o grupo Hezbollah, no Líbano. Os bombardeios israelenses duraram quase um mês, mataram perto de 1,2 mil pessoas.

Mas a ofensiva por terra foi considerada um fracasso militar. Israel sofreu pesadas baixas, e não atingiu o anunciado objetivo de arrasar o Hezbollah, que está ainda mais forte hoje.

As últimas notícias desta segunda em Gaza

O correspondente Alberto Gaspar está na cidade de Ashkelon, a poucos quilômetros da Faixa de Gaza, e tem as informações.


A sirene de alarme soou duas vezes depois do anoitecer em Ashkelon. Ouvimos os ruídos dos foguetes caindo em algum ponto da cidade. Não há notícia de vítimas. E Israel, também à noite, desferiu um violento ataque aéreo contra a Faixa de Gaza, com imagens impressionantes.

A segunda-feira termina com um balanço de 50 palestinos mortos. As últimas notícias são de que os combates por terra entre tropas israelenses e milicianos do Hamas se intensificaram nos arredores da Cidade de Gaza.

Fontes israelenses e palestinas afirmaram que durante o dia foram travados combates também dentro da Cidade de Gaza. Segundo TVs árabes, três soldados israelenses morreram. O Exército de Israel não confirmou a informação.

Como atuam as duas forças no confronto em Gaza

Conheça um pouco mais das estratégias de guerra utilizadas pelo grupo palestino Hamas e pelo Exército israelense.

 O Exército israelense é considerado um dos mais poderosos do mundo, mas, até agora, como nós mostramos, não tem conseguido evitar que o grupo Hamas continue a atacar com foguetes. O repórter Pedro Bassan explica como atuam as duas forças envolvidas nesse confronto.

O Hamas dispara do chão, Israel responde pela terra, do mar e do alto. Israel tem bombas e mísseis guiados a laser, os foguetes do Hamas voam sem direção.

O poder de fogo israelense é muito superior. O ataque é feito com 520 caças, entre eles 200 dos moderníssimos F-16, 180 helicópteros, mísseis Popeye 4, que tem uma câmera embutida, 500 tanques Merkava, os mais modernos do mundo, que são produzidos em Israel.

O Hamas não tem um exército formal, mas é organizado, com uma hierarquia rígida, e conta com entre 20 e 30 mil combatentes.

A arma principal é o foguete Qassam, um artefato quase artesanal. Ele é produzido pelos próprios militantes do Hamas, em fábricas de fundo de quintal, desde 2001. Tem pouca precisão e, por isso, vem provocando mais pânico do que mortes.

O alcance é curto, cai a 15 quilômetros da fronteira. Mas, a cada dia, o Hamas consegue chegar mais longe, manipulando os foguetes. Um deles já caiu em Beersheba, a 40 quilômetros da Faixa de Gaza.

“O grande objetivo desses foguetes realmente não é atingir o alvo, é causar pânico e mostrar ao governo de Israel e à população israelense que eles estão atacando”, explicou Robson Barbosa, pesquisador da USP.

Os foguetes palestinos são menos poderosos, mas muito difíceis de serem destruídos. A base de lançamento é sempre improvisada e pode ser montada e desmontada em 15 minutos em qualquer lugar.

"Por exemplo, quintal de residência, tetos de prédios, embaixo de lonas, terrenos baldios e até já se tem notícias de dentro de apartamentos através de janelas", revela Robson Barbosa.

Faz parte da estratégia do Hamas disparar de áreas civis. Por isso, os ataques israelenses atingem também a população e provocam muitas baixas.


“Por isso q a operação é perigosa. Ao destruir essa infraestrutura ocasiona perdas civis”, disse Geraldo Cavagnari, pesquisador da Unicamp.

O poderoso Exército israelense nunca perdeu uma guerra. Mas para ganhar esta, precisa primeiro descobrir onde está o inimigo.

Matéria Jornal Nacional 15/10/2009

Israel atinge sede de agência da ONU em Gaza

Uma mesquita, um hospital e um centro de imprensa também foram atingidos em mais de 70 bombardeios nesta quinta. No campo diplomático, as negociações para um cessar-fogo estariam no estágio final.

 A quinta-feira foi o dia mais violento, até agora, no conflito na Faixa de Gaza. As forças israelenses atingiram a sede da agência da ONU para refugiados palestinos, um prédio com escritórios de jornalistas e um hospital. Cinco pessoas ficaram feridas. Em outra ação militar, foi morto o ministro do Interior do Hamas.

No campo diplomático, as negociações para um cessar-fogo poderiam estar entrando em seu estágio final. Veja agora com o correspondente Alberto Gaspar.

Tudo num mesmo dia. As tropas israelenses travaram violentos combates na Cidade de Gaza. Tanques em áreas residenciais, a população debandou, mesmo sem ter para onde fugir. “Para onde levar as crianças?”, diziam as mães.

Os bombardeios foram mais de 70. Uma mesquita, acusada de abrigar um depósito de armas do Hamas; um hospital, onde médicos e funcionários teriam ficado sitiados; um centro de imprensa, sede de várias emissoras árabes e da agência de notícias Reuters.

Em outro ponto da cidade, o escritório da Associated Press, outra agência importante, também foi alvejado. E um complexo da Agência de Refugiados da ONU, onde 700 pessoas se abrigavam, ficou em chamas, bombardeado duas vezes.

“Intolerável. Estou horrorizado”, disse o secretário-geral da ONU, Ban Ki-Moon, que estava em Tel Aviv para se encontrar com a chanceler israelense Tzipi Livni.

As respostas israelenses foram contraditórias. O ministro da Defesa, Ehud Barak, chegou a reconhecer um grave erro. O primeiro-ministro Ehud Olmert disse que militantes do Hamas dispararam, a partir do prédio das Nações Unidas.

A mesma acusação, nunca provada, usada depois do ataque a uma escola da ONU, na semana passada, em que morreram 43 pessoas. Diante da revolta da imprensa, o governo israelense chegou a declarar que as imagens enviadas de Gaza estariam sendo controladas pelo Hamas.

A guerra de informações também é feroz. Num centro de imprensa do governo israelense, um porta-voz militar tentou me convencer de que os foguetes palestinos teriam matado, em oito anos, 900 civis israelenses. Eu questionei, insisti. Ele também. Estava bem longe da verdade. O número correto é 20 mortos, sendo 19 civis.

Nesta quinta, foguetes foram disparados contra Israel. Duas pessoas sofreram ferimentos graves na cidade de Bersheva, a quase 40 quilômetros da Faixa de Gaza.

O dia terminou com o Hamas prometendo vingar a morte do ministro do grupo, responsável por cerca de 13 mil policiais e agentes de segurança, muitos deles envolvidos nos combates.

Analistas dizem que o dia mais violento, dentro da ofensiva israelense, justamente quando se

desenhava um cessar-fogo, não aconteceu por acaso. Seria uma estratégia clássica de Israel: avançar ao máximo, neste caso, contra o Hamas, para aproveitar a oportunidade e, depois, na hora de baixar as armas, estar na posição de maior força possível. Não apenas em termos militares.

As negociações para um cessar-fogo estão entrando num novo capítulo. As informações com Giuliana Morrone, de Nova York.

A ministra das Relações Exteriores de Israel, Tzipi Livni, chega nesta quinta aos Estados Unidos, para discutir com o governo americano um plano para bloquear o contrabando de armas para o Hamas.

Em Israel, o secretário-geral, Ban Ki-Moon, disse que ainda serão necessários mais alguns dias até um acordo final de cessar-fogo.

Nesta quinta, o Hamas teria proposto um ano de trégua, desde que as tropas israelenses deixem a Faixa de Gaza em até uma semana e as fronteiras do território sejam abertas imediatamente, com garantias internacionais de que vão permanecer assim.

A secretária de Estado americana, Condoleezza Rice, disse que foi um erro o ataque à sede da agência das Nações Unidas para refugiados palestinos e a assembléia-geral da ONU acusou Israel de crimes de guerra.

